

Taís S. Martins
Verli Petri
Organizadoras

PET Letras



um percurso, muitas histórias

PET Letras: um percurso, muitas histórias.
Organização de Taís Martins e Verli Petri.
Copyright dos autores, 2018.

EDITORA
Oliveira Books

EDITORA EXECUTIVA
Simone de Mello de Oliveira

REVISÃO
Fidah Mohamad Harb
Jennifer Souza Alvares
Kelly Guasso
Luisele Munekata de Castro
Thais Costa da Silva
Thaynara Luiza de Vargas

M386p PET Letras: um percurso, muitas histórias. Taís Martins, Verli Petri
(org.). Santiago: Oliveira Books, 2017.

139 p.

ISBN 978-85-94092-07-6 Versão impressa

ISBN 978-85-94092-08-3 eBook

1. Lingüística 2. Leitura 3. Cinema I. Organizadoras II. Título

CDU 410

OLIVEIRA BOOKS
Almirante Saldanha da Gama, 601. Santiago - RS.
E-mail: oliveirabooksrs@gmail.com
WhatsApp: 55996811114

CONSELHO EDITORIAL

Amanda Scherer, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Caciane Medeiros, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Carolina de Paula Machado, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

Débora Hettwer Massmann, Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVÁS, Pouso Alegre, MG, Brasil.

Frederic Andres, Instituto Nacional de Informática, NII, Tóquio, Japão.

Juan Manuel López-Muñoz, Universidade de Cádis, UCA, Cádis, Espanha.

Luciana Nogueira, Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVÁS, Pouso Alegre, MG, Brasil.

Lucília Maria Abrahão Sousa, Universidade Estadual de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, Brasil.

Renata Corrêa Coutinho, Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, São Borja, RS, Brasil.

Verli Petri, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

SUMÁRIO

Prefácio

PET LETRAS: UM GRUPO – UM LUGAR
– UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO

7

Taís S. Martins

Verli Petri

PARTE 01 - MEMÓRIAS *Nossos projetos e pesquisas*

DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO:
CAMINHOS E PERCALÇOS ATRAVÉS DO PET
LETRAS DA UFSM

13

Jennifer Souza Alvares

Natieli Luíza Branco

OFICINAS PET LETRAS: A CONTRIBUIÇÃO
NA FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA OS
ESTUDANTES DA UFSM

25

Fidah Mohamad Harb

Liliane Monteiro

BOLETIM LETRAS INPET:
UM PROJETO QUE DEU O QUE LER
Cássius Selvero Pazinato
Evelise Pereira da Silva
Guilherme Bizzi Guerra

36

A INFLUÊNCIA DA FRONTEIRA NA LINGUAGEM DO RIO GRANDE DO SUL: DICIONÁRIO COMPARTILHADO DE LÍNGUA DE FRONTEIRA	45
Annie Meireles Resch	
Laura Velasques Gomes	
Thaynara Luiza de Vargas	
AS RELAÇÕES ENTRE A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	55
Betiane Streck	
Gabriela Gonçalves	
Thaís Costa	
ESTRATÉGIAS DE ENSINO: LEITURAS LÚDICAS E CINEMA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	66
Andresseli Paz Reis	
Letícia Dias da Silva	
PROJETO “CINE CUICA”: A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA MAGIA CINEMATOGRÁFICA	79
Ana Paula Alves Correa	
Andressa Brenner	
Louise Cervo Spencer	

PARTE 02 - HISTÓRIAS
Relatos de experiências

CUICANDO PALAVRAS: CONSTRUINDO SENTIDOS, CONSTITUINDO SUJEITOS Camilla Baldicera Biazus	98
O PET LETRAS NA MINHA HISTÓRIA Natieli Luiza Branco	116
UMA TRAJETÓRIA POSSÍVEL: O PET LETRAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DO LICENCIADO EM LETRAS Thaís Costa da Silva	121
DO CONEXÕES DE SABERES PARA O PET LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS Louise Cervo Spencer	128
PET LETRAS: UM OLHAR DO ACADÊMICO DO BACHARELADO EM LETRAS Fidah M. Harb	135

PET LETRAS: UM GRUPO - UM LUGAR - UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO

O saber organiza o seu passado, o escolhe, o esquece, o imagina, o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro, sonhando-o enquanto o constrói (AUROUX, 1992, p.12).

Este livro faz parte de um conjunto de ações desenvolvidas pelo grupo PET Letras no ano de 2017 e consagra um momento emblemático para o PET Letras/Laboratório Corpus, já que, após seis anos de existência sob tutoria da Professora Dra. Verli Petri, o PET Letras recebe uma nova professora tutora, a Professora Dra. Taís S. Martins. Buscamos contemplar aqui a memória dos petianos e ex-petianos sobre as atividades realizadas no âmbito do projeto no decorrer desse período inicial.

A proposta desta obra se deu porque entendemos que os trabalhos que o grupo desenvolveu desde sua origem já renderam bons resultados e fizeram com que o nome do grupo alcançasse diversas esferas, assim como que seus integrantes e ex-integrantes puderam ter valoroso aprimoramento acadêmico e social. Sendo assim, com o intuito de preservar a memória histórica do programa, das experiências que proporcionou e proporciona aos discentes que integram as atividades e, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo até esta parte de sua história, encontramos na elaboração de um pequeno livro a maneira certa de fazer valer a relevância das práticas e dos resultados obtidos.

O PET Letras contribui para a formação integral do acadêmico de Letras, como podemos observar na sessão de relatos de experiências de ex-petianos apresentada a seguir, pois colabora para a formação do profissional em Letras – que

tem como objetivo geral o preparo de um cidadão capacitado para viver e transformar a sociedade na qual se insere, de acordo com o que é proposto enquanto meta dos cursos de Licenciatura em Letras e de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É com o princípio de formar acadêmicos com nível de excelência que o PET acolhe a todos e dá condições de desenvolvimento de atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, formando cidadãos responsáveis e comprometidos com as práticas sociais que desenvolve dentro e fora da universidade.

Nós do PET Letras compreendemos que é necessário em nossos planejamentos elaborarmos uma proposta de ensino e extensão, por meio da pesquisa que se aperfeiçoa e se concretiza no decorrer desse percurso. Essa nossa linha de trabalho é assim proposta em consonância a Castilho (2007, p. 5), para quem, no ensino superior brasileiro, o trinômio “ensino, pesquisa e extensão” está sendo substituído por “ensino e extensão por meio da pesquisa” ou por “ensino e extensão através da pesquisa”. Conforme o autor, “a expressão formada por três sintagmas nominais coordenados – ensino, pesquisa e extensão –” está sendo trocada “por uma segunda expressão, em que pesquisa aparece encaixada no núcleo de um sintagma nominal único – ensino e extensão por meio da pesquisa”. Essa operação sintática deixa claro que não há atividades de ensino e extensão sem pesquisa: “não se trata, portanto, de optar por uma coisa ou por outra” (CASTILHO, 2007, p. 5).

Entendemos, desse modo, que o papel do curso de Letras Licenciatura é o de aprimorar a formação de professores conscientes de sua língua nas manifestações oral e escrita e dispostos à reflexão sobre questões referentes a este objeto e às políticas linguísticas que o normatizam e o singularizam; já o papel do curso de Letras Bacharelado é formar um profissional em Letras que assuma um compromisso com a ética, com a responsabilidade social, e com as consequências de sua atuação no

mercado de trabalho; e que tenha senso crítico para compreender a importância da busca permanente da educação continuada e do aprimoramento profissional¹. A criação e a consolidação do PET Letras é, nesse viés, um marco importante na área de Letras não só porque inaugura uma nova fase para o curso, já que traz com ele o enfoque no tripé sobre o qual caminha a universidade (ensino, pesquisa, extensão), mas também porque aporta recursos em forma de bolsas e custeio para um curso de licenciatura, algo tão importante e tantas vezes negligenciado por políticas públicas equivocadas. É preciso destacar que o PET Letras é parceiro das coordenações desses cursos para que seus objetivos sejam atendidos plenamente, como podemos observar a partir da leitura dos textos publicados nesta obra.

Atualmente o PET Letras está realizando os seguintes projetos: Cinearte, Leituras Dirigidas nas Escolas, Oficinas PET Letras 2017, bem como uma série de atividades integradas com os demais grupos de estudos tanto no interior do Curso de Letras quanto fora dele, por meio de atividades dos grupos PETs da UFSM. Destacamos que cada petiano atua planejando, organizando e desenvolvendo atividades referentes a mais de um projeto e, ainda, participa de atividades de pesquisa com orientadores parceiros do PET. Esta é uma fórmula que vem dando certo e que terá continuidade.

É importante destacar que um petiano não se forma rapidamente, nem sem um esforço comum do petiano, do grupo e da tutora. É um trabalho demorado, calcado no movimento necessário entre a firmeza das exigências e a ternura do afeto de quem ensina com amor. De fato, cada um tem seu tempo, e a formação do sujeito petiano se realiza no interior de uma coletividade. Um petiano, onde quer que esteja, representa o seu grupo e todos os grupos PETs da UFSM (e do Brasil); da mesma forma que o grupo representa os petianos de outrora, do presente e os que ainda virão... Os petianos trabalham em equipe, defendem

¹ Conforme PPCs.

os interesses de todos os acadêmicos, dão visibilidade ao que é feito no interior dos cursos e merecem todo o nosso reconhecimento. O PET Letras é LETRAS em destaque dentro e fora da universidade!

Acreditamos que o aluno de Letras deve ter a consciência de que o processo de formação profissional deve ser contínuo, autônomo e permanente. O ensino e a extensão, por meio da pesquisa, implicam a inserção dos alunos em laboratórios, grupos de pesquisa e de estudos, monitorias e práticas de ensino. Só assim, ao longo de sua formação, o aluno desempenhará diferentes papéis, circulando por espaços diversos e vivenciando situações que o capacitarão para o melhor desempenho de suas atividades.

O PET Letras busca desenvolver atividades que busquem: a) desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão que visem à produção e à circulação do conhecimento, à divulgação, à manipulação e à (auto)formação por meio da integração de novas tecnologias ao cotidiano individual e interpessoal; b) proporcionar a formação de pesquisadores e de formadores; c) promover práticas relacionadas à pesquisa, ao ensino e à extensão, no âmbito da instituição, que possam ser desenvolvidas em cursos e seminários de extensão, ou seja, dirigidas a não especialistas, estabelecendo um intercâmbio entre a universidade e a sociedade; e d) desenvolver atividades de cooperação universitária através de redes de *savoir-faire*, favorecendo o intercâmbio de bens culturais e de pessoas.

Em relação à prática de extensão na vida acadêmica, o grupo PET Letras/Laboratório Corpus está em consonância com Scherer (2011), quando a autora afirma que: “para saber o que é a extensão na vida acadêmica, é preciso que o sujeito conheça o lugar institucional. Mas para que isso aconteça é preciso que comece desde o início do curso com seminários, cursos, discussões”. Em outras palavras, é preciso oportunizar ao aluno o ambiente de estudo e de discussão para que o conhecimento por

ele experienciado nas aulas seja mobilizado de outras formas enquanto prática acadêmica. E ousamos dizer que, nos Cursos de Letras da UFSM, esse lugar, esse ambiente é, entre outros, proporcionado pelo PET Letras de maneira bastante produtiva.

Enfim, é com grande satisfação que apresentamos este livro, uma coletânea que reúne uma parte representativa do todo que o PET Letras realizou desde sua criação. Nossos sinceros agradecimentos a todos aqueles que de uma maneira ou de outra colaboraram não só com a construção do grupo, mas também com a elaboração desta obra: ela significa muito para nós todos! E, para finalizar, precisamos dizer da fugacidade do tempo, da efemeridade da vida (dentro e fora da universidade), das lutas empreendidas, dos laços de afeto que prendem mais do que os grilhões de uma corrente: um dia você sai do PET, mas o PET nunca sairá de você! Boa leitura a todos!

As organizadoras.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CASTILHO, A. T. de. As Letras no Ensino e na Pesquisa. **Veredas on Line** – Ensino, p. 05-21, – 2/2007, PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora.

SCHERER, A. E. Apêndice ou raízes errantes para se pensar sobre um tema. In: SCHONS, C.R; CAZARIN, E.A. (Org.). **Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias.** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2011. p. 288-294.

PARTE 01

Memórias

*nossos projetos
e pesquisas*



DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO: CAMINHOS E PERCALÇOS ATRAVÉS DO PET LETRAS DA UFSM

Jennifer Souza Alvares¹
Natieli Luíza Branco²

Palavras iniciais

O caminho da iniciação científica é trilhado por milhares de jovens em todo o Brasil, sendo uma das principais portas para a formação de excelência dos discentes que atuarão no mercado e/ou seguirão pelo caminho da pós-graduação. Disso advém a importância que a prática do sujeito enquanto pesquisador tem dentro do Programa de Educação Tutorial, uma iniciativa do Ministério da Educação que investe em alunos da graduação de diversos cursos no território nacional, visando formar jovens de forma melhor qualificada, atuantes tanto na Academia quanto na sociedade.

O PET Letras\Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria iniciou suas atividades no ano de 2010, com alunos bolsistas e voluntários, os quais trabalharam de modo a desenvolver ações na tríade que é a base do programa: Ensino, Pesquisa e Extensão. Voltados para os quatro cursos de Letras existentes na instituição – Letras Português e Literaturas; Inglês e Literaturas; Espanhol e Literaturas e Letras Português Bacharelado – o desenvolvimento de pesquisas dentro do domínio dos cursos já conta com um número significativo de alunos(as) petianos(as), mostrando que o diferencial da formação desse grupo

¹ Bolsista do grupo PET Letras UFSM, aluna do curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Universidade Federal de Santa Maria, Iniciação Científica.

² Egressa do grupo PET Letras, aluna do Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria.

é a reflexão do graduando dentro de sua faculdade. Atualmente com 12 bolsistas e vagas para 6 não bolsistas, os integrantes desenvolvem estudos aprofundados, apresentados em eventos tanto internos quanto externos, de forma a divulgar o que está sendo desenvolvido e as reflexões geradas.

Nestes sete anos de história do grupo PET Letras UFSM, a pesquisa, enquanto prática de erudição, de progresso intelectual, esteve bastante presente. Cada integrante do PET participa da linha de pesquisa de seu interesse; com isso, tem-se diferentes teorias linguísticas e literárias que convergem na produção do conhecimento. Todas as teorias dentro da área das Letras possuem o mesmo objeto – a língua –, no entanto, o que difere é o posicionamento frente a esse objeto, o modo como o aluno pesquisador de iniciação científica percebe-o e desenvolve seus estudos, de forma a aprofundar a sabedoria em determinado assunto. A pesquisa, no âmbito acadêmico, é viabilizadora do progresso da educação na Universidade e, dentro do PET, propicia a progressão do saber sobre a língua. Desse modo, muitas pesquisas que foram iniciadas a partir da participação no grupo PET Letras seguiram sendo desenvolvidas na pós-graduação ou foram para as salas de aula, auxiliar na prática docente e proporcionar o ensino de forma eficiente.

Refletindo sobre o papel da pesquisa no ambiente acadêmico, assim como Fiorin (1999, p. 3), perguntamos: “Nesse mundo, qual é o papel e o sentido da Universidade? Qual é nele o papel das Letras e da Linguística? Como manter uma universidade da qual está ausente a universalidade?” É, segundo o autor, a conjuntura histórica na qual estamos, marcada pela globalização econômica, política e cultural que não globaliza, mas fragmenta, que não qualifica, mas quantifica o saber. Para o referido autor, “é preciso mostrar que as Letras e a Linguística têm um papel a exercer na construção do mundo” (FIORIN, 1999, p. 7). Acreditamos que o grupo PET Letras assume esse papel de reflexão sobre a língua quando se propõe a iniciar alunos no campo

da pesquisa através de professores que orientam e dão o suporte necessário a quem se propõe a pesquisar, quem assume o papel de se posicionar frente à teoria quando possibilita unir o conhecimento abstrato à prática no mundo.

Em vista disso, neste trabalho, refletiremos sobre a produção do conhecimento e sobre o lugar da pesquisa no grupo PET Letras da UFSM.

O que é e por que pesquisar em Letras: a produção do conhecimento científico

De acordo com Auroux (2008), a história do conhecimento se baseia em três eixos: representar, conhecer, saber. Para representar e saber é preciso conhecer o que já se produziu, pois, o conhecimento não é universal e não é transparente. Desse modo, o saber vai ser sempre um saber “sobre” e não um saber “de”, porque o saber é um ponto de vista que vai ser transmitido, ensinado. Nesse viés, produzir conhecimento através das pesquisas de iniciação desenvolvidas no PET Letras é reinterpretar o que está posto, é utilizar-se da teoria para teorizar, ou seja, é estudar assuntos da língua para tratar sobre a língua. Nunca nada está pronto. O que importa em todas as esferas dessa área é produzir reflexões.

O conhecimento se relaciona com a temporalidade. Para Auroux (2009, p. 11), “todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber”. Assim, cada obra, cada disciplina, cada teoria possui um horizonte de retrospecção (tem seu tempo, espaço e memória) e um horizonte de projeção (projeto de construção do futuro olhando para o passado) para formar o pensamento. Com isso, “o saber [...] não destrói seu passado [...]; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que

antecipa sonhando-o enquanto o constrói” (AUROUX, 2009, p. 12), pois, segundo o autor, “uma disciplina sem história e sem reprodução não pode ser uma ciência” (AUROUX, 2008, p. 156). Sem o passado e sem o futuro, não há saber, uma vez que a ciência nas Letras é produzida em determinada conjuntura histórica e deve ser reproduzida e transmitida para que possa ser renovada a cada leitura, a cada gesto interpretativo\analítico. Entende-se através da construção de estudos históricos sobre a língua o que existe hoje e o que possa existir amanhã, pois é preciso conhecer os sentidos que vieram antes para representá-los e saber como projetá-los. O próprio do olhar do sujeito pesquisador deve ser sempre capaz de analisar o passado, construir a significação no presente e idealizar os eventos futuros.

A realização de pesquisas dentro da área de Letras torna viável o desenvolvimento do conhecimento sobre a língua nos diferentes estudos que existem dentro deste campo do saber, dos quais pode-se destacar três grandes áreas: Linguística, Literatura e Ensino (de língua materna e estrangeira). O profissional que incorpora à sua formação a contribuição da elaboração de pesquisas torna-se mais apto a refletir sobre sua prática diária e também sobre as práticas relacionadas à língua e que ocorrem ao seu redor.

As Humanidades, onde o curso de Letras se situa, é antes uma questionadora da sociedade e tudo o que nela existe, do que um canal de resposta às perguntas externas. Muitas pessoas questionam-se qual a contribuição da pesquisa em Letras, o que é ser um pesquisador dentro das linguagens e literaturas e de que modo este fazer atinge o social. Longe de obedecer ao modelo convencional das hard sciences, onde os resultados quantitativos são a parte mais importante do processo, o chamado pesquisador da área das Humanidades é antes um estudioso profícuo de algum tema-objeto, desenvolvendo longas reflexões e instaurando perguntas em cima de outros questionamentos e sentidos já postos.

Ao procurarmos o significado do verbo pesquisar no **Dicionário Online de Português**, encontramos como resultado:

Ação de buscar mais informações a respeito de algo. Reunião de operações, ou atividades, que visa descobrir novos conhecimentos em vários domínios, principalmente no âmbito científico. Estudo realizado para aumentar o conhecimento em determinada área do saber. Investigação; ação de investigar de maneira detalhada.

Essa definição corresponde ao fazer pesquisa em Letras, que é estudar profundamente, é investigar e procurar questões novas, é aumentar o conhecimento próprio na língua e\ou na literatura, é ter sede de evolução. Dizer que se é um pesquisador de Letras, conforme Pecora (2015, p. 7),

[...] se trata de ler vários livros em torno de certo assunto, entregando-se a seus diferentes vocabulários, às suas redes semânticas, algumas mais previsíveis, outras imprevistas, deixando-se mesmo conduzir por elas; e então, conhecer algumas das circunstâncias referidas nos livros, conversar com diferentes pessoas que as conheceram, sob diversos pontos de vista, e então ler mais livros que podem ou não falar delas, até que sobrevenha uma ideia suficientemente densa e, de preferência, original, capaz de reorganizar o conjunto.

Ou seja, o que existe é o estudar e o pensar no assunto escolhido e, a partir disso, procurar formas de agir na comunidade, seja auxiliando-a (como na melhoria do ensino de língua ou da prática linguística na sociedade) e até mesmo criticando-a, não no aspecto pejorativo, mas sim no sentido de buscar pensar, refletir sobre o fazer e ser dentro da formação social, melhorando e\ou modificando o já existente.

Alguns sujeitos, por vezes, não compreendem a busca incessante pelo saber, a qual é mais pessoal que coletiva, do profissional das Letras, ou mesmo dos profissionais das Humanidades. Todavia, é próprio do fazer desse campo de conhecimento, mais voltado ao pensamento que ao palpável; trabalha-se com

ideias e ideais construídos na e pela comunidade, de forma a procurar entender o mundo hoje e ontem. Não cabe à área tratar com destreza somente do amanhã, porque ainda não se conhece o que virá e trabalha-se com o que move a língua e os sujeitos hoje, ou o que se julga ser possível de existir.

Para o aluno da graduação, fazer pesquisa, tornar-se pesquisador, é o desenvolvimento intelectual que muitas vezes só a universidade proporciona. Iniciar na ciência está longe de tornar rapidamente alguém um(a) especialista em determinado assunto, detentor do saber sobre a temática do discurso, da literatura, da gramática ou o que quer que seja relacionado à área de estudo; o que há no desenvolvimento da busca pela resposta (mesmo que em alguns casos ela nunca chegue de fato) é justamente esse engatinhar da palavra iniciação, uma descoberta que vai se fazendo a partir de estudos e mais estudos sobre o objeto escolhido pelo discente. Tornar-se pesquisador durante a graduação, e em especial dentro do Programa de Educação Tutorial, possibilita um olhar apurado das possibilidades que o currículo de formação oferece ao aluno, de forma a ir além das dúvidas em sala de aula e contribuir para si e para o curso.

Os motivos para se começar a fazer pesquisa em Letras podem ser variados e de diferentes aspectos; desde uma curiosidade que não é abordada em sala de aula até o desejo de melhora do currículo acadêmico e a presença ativa dentro curso. Porém, cada dia mais, percebe-se o desinteresse pelos estudos produzidos por pesquisas das Humanidades, isso porque, na lógica atual:

A universidade, ao perder seu estatuto de instituição social para transformar-se em organização social, passa a ser regida por critérios de avaliação exteriores a ela, quais sejam os “de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define”. Não aspira mais à universalidade nem à autorreflexão. Sua “qualidade” é aferida a partir de três critérios: “quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que

produz. Em outras palavras, produtividade serão quantidade, tempo e custo, que definirão os contratos de gestão”. Isso quer dizer que não se pergunta sobre a qualidade do que se produz mas sobre sua quantidade (FIORIN, 1999, p. 7).

Desse modo, tudo aquilo que não é revertido em quantidade, em valores monetários, como por exemplo a ciência do campo ou a ciência dos lucros (administração, contabilidade, economia), e que satisfaça ao sistema capitalista das universidades brasileiras (e mundiais), não alcança o patamar de prestígio e, muito menos, é reconhecido como de vital importância para a universidade da mesma forma que outras áreas.

Os desafios de se construir um campo de pesquisas que seja reconhecido de igual maneira que os campos das ciências ditas “duras”, como matemática, física, química, está aí diariamente. O necessário é demonstrar que não se chega a resultados apenas por meio de números, dinheiro, mão-de-obra técnica e maquinaria; as Letras, ou melhor, a pesquisa dentro das Letras exige tempo, reflexão, aprimoramento, mais reflexão, discussão, e ainda mais reflexão... o fazer do profissional de Letras é discutir e procurar entender as linguagens e suas formas de expressão, de modo a compreender como age o homem no mundo e como constrói seu próprio mundo (o eu); isso não se faz da noite para o dia, muito menos pode ser revertido em números como se fosse algo linear, quantitativo. A qualidade é a palavra-chave dentro desse campo que está sempre em desenvolvimento. Na pesquisa, não há a produção em massa sem a perda da qualidade, não é possível tornar-se pesquisador exímio da noite para o dia, muito menos obter resultados acerca do assunto estudado de forma corrida.

Sendo assim, o prioritário dentro do desenvolvimento do(a) petiana(a) de Letras na iniciação científica é o aprimoramento mesmo de suas capacidades intelectuais, o conhecimento ampliado para novos e outros horizontes que estão para além do ambiente de aula e que contribuem para a formação de exce-

lência dentro do grupo, como para a ação melhor qualificada na sociedade em que se insere.

As pesquisas e os caminhos já trilhados dentro do grupo

Visando a qualidade do conhecimento científico e a promoção do papel das Letras dentro da sociedade, como formas de agir nela e para ela, o grupo PET já possibilitou a diversas pessoas a oportunidade da pesquisa dentro do curso de Letras da UFSM, com professores da instituição orientando e auxiliando o aluno a trilhar o caminho da pesquisa ao longo dos semestres.

No quadro a seguir, são apresentados nomes dos(as) petianos(as), de seus(as) orientadores(as) e títulos de pesquisas – que foram ou ainda são desenvolvidas desde o início do PET Letras, no ano de 2010; Trabalhos que continuam aumentando e levando a novos horizontes os que se inserem nessa possibilidade da vida acadêmica.

Tabela 1: Pesquisas já realizadas ou em andamento³

Pesquisador(a) de Iniciação Científica PET Letras	Orientador(a)	Título da pesquisa
		História e memória: o imaginário sobre a língua do no Brasil
Ana Paula Alves Correa	Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer	Discursos natalinos e a história alemã: um gesto de interpretação
		Jornal “Última Hora” e a constituição de uma voz de presidência na República
Guilherme Bizzi Guerra	Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto	Carlos Gomes: estatuto da personagem em “O Selvagem da Ópera”, de Rubem Fonseca
	Prof. Dr. Pedro Brum dos Santos	Literatura e história

³ A tabela está organizada por ordem temporal, da pesquisa mais antiga até a pesquisa mais recente no grupo.



Juliana Leão Ribeiro	Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto	“Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, e “O homem que sabia Javanês”, de Lima Barreto: leitura comparativa
	Profa. Dra. Vaima Regina Motta	A argumentação do e no ensino médio
Louise Cervo Spencer	Profa. Dra. Marcia Cristina Corrêa	Professores e futuros professores: representações sobre o trabalho (agir) docente
Luan Rodrigues de Figueiredo	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/lo Brasil
	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/lo Brasil
Patricia Gaier Martins	Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer (co-orientadora Profa. Dra. Taís Martins)	Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória dos anos 80 a 2000
Vanessa Cavalheiro	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/lo Brasil
Natieli Luíza Branco	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/lo Brasil
Paola Mallet	Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto	Abordagem dos Gêneros Literários a partir dos livros didáticos
	Profa. Dra. Vaima Regina Motta	O ensino de Língua Portuguesa
Pricilla Marchiori Mello	Profa. Dra. Andrea do Roccio Souto	Pontos de fissura/continuação de espaços e de história: uma análise comparativa entre os contos “A caçada”, de Lygia Fagundes Telles, e “Continuidade dos parques”, de Julio Cortázar
Simone de Moura Sturza	Profa. Dra. Graziela Lucci de Angelo	A ciência linguística e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil



Thainara Petri Rodrigues	Profa. Dra. Renata Faria de Felippe	O melodrama na literatura brasileira: gêneros e autoria
	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no Brasil
Luane Vitorino	Profa. Dra. Larissa Montagner Cervo	Política(s) de língua entre a história e a memória
Tuane Cardozo da Cruz	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no Brasil
		Língua, sujeito e estádio Rio-Grandense
Tainise Pegoraro	Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer (co-orientadora) Profa. Dra. Taís Martins	Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória dos anos 80 a 2000
Luzianara de Lourenço	Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer (co-orientadora Profa. Dra. Taís Martins)	Linguística no sul: estudos das ideias e organização da memória dos anos 80 a 2000
Adriane da Silva Gulari	Profa. Dra. Taís da Silva Martins	A presença de Jakobson nos estudos linguísticos no Rio Grande do Sul
Andressa Brenner Fernandes	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	A formação da posição-sujeito mulher em três diferentes dicionários produzidos nos séculos XIX, XX e XXI
Annie Meireles Resch	Profa. Dra. Taís da Silva Martins	As ressonâncias da formação sujeito-professor no processo de disciplinarização
		Mattoso Câmara nas revistas acadêmicas: Institucionalização da Linguística e circulação do conhecimento
Evelise Pereira da Silva	Profa. Dra. Zélia Maria Viana Paim (Supervisão Profa. Dra. Amanda Scherer)	Os diferentes sentidos "mulher" no "Dicionário Prático da Língua Nacional" (1955) e "Aurélio século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa" (1999)
Jordana Rodrigues	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Dicionário de Links: a formação de um dicionário digital
Laura Velasques Gomes	Profa. Dra. Taís da Silva Martins	Arquivo, história e memória: a Linguística nos/dos arquivos institucionais

Luisele Munekata de Castro	Profa. Dra. Taís da Silva Martins	A disciplinarização dos estudos e o ensino de Língua Portuguesa nas escolas
Thais Costa da Silva	Profa. Dra. Zélia Maria Viana Paim (Supervisão Profa. Dra. Amanda Scherer)	O funcionamento do título em dicionários publicados no Rio Grande do Sul no século XXI
Thaynara Vargas de Costa	Profa. Dra. Taís da Silva Martins	A disciplinarização dos estudos linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa nas escolas
Cássius Selvero Pazinato	Profa. Dra. Caciane Souza de Medeiros	Alteridade: O bullying no cotidiano escolar
Fidah Mohamada Harb	Profa. Dra. Maria Iraci da Costa (Supervisão Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira)	O signo linguístico no corpus Saussuriano
Jennifer Souza Alvares	Profa. Dra. Caciane Souza de Medeiros	Análise discursiva das notícias de Feminicídio
Letícia Dias da Silva	Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros	A polidez no discurso oral do professor
Liliane Monteiro	Profa. Dra. Franciele Matzembacher	A prática da análise linguística em livros didáticos do Ensino Fundamental
Betiane Streck	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Aproximações e distanciamentos de verbetes nos dicionários "Houaiss" e "Contestado"
Gabriela Gonçalves	Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira	Redes sociais e ideologia(s): uma análise dos discursos de ódio
		Uma análise da questão migratória e sua relação com a ideologia de um regime ditatorial

Fonte: Arquivo do grupo PET Letras.

Buscamos demonstrar em nosso artigo que as pesquisas desenvolvidas por discentes dos cursos de Letras da Universidade Federal de Santa Maria e integrantes do Programa de Educação Tutorial – Letras contribuem não só para a formação pessoal e profissional de cada um como também para o progresso das ciências da linguagem em todos os seus âmbitos, seja ele literário ou linguístico. Deste modo, fica evidente – tanto para aqueles que acompanham o sistema de trabalho e estudo do grupo

quanto para aqueles que não – a formação de excelência que ser petiano(a) pode gerar, com experiências práticas e teóricas para que um novo profissional do campo das Letras possa ser formado com um olhar aguçado aos saberes de seu campo de estudo.

Referências

AUROUX, S. **A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências.** Campinas: Editora RG, 2008.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

FIORIN, J. L. Desafios e perspectivas da pesquisa em letras e linguística na construção do MERCOSUL. **Boletim da ABRALIN**, v. 24, p. 9-29, 1999.

PECORA, A. Letras e Humanidades depois da crise. **Revista da ANPOLL.** v. 1. n. 38, p. 1-16, 2015.

OFICINAS PET LETRAS: A CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA OS ESTUDANTES DA UFSM

Fidah Mohamad Harb¹
Liliane Monteiro²

Considerações iniciais

Este trabalho busca apresentar um dos projetos de extensão desenvolvidos pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Laboratório Corpus do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM): as Oficinas PET Letras. Essas atividades são desenvolvidas ao longo do ano letivo, sendo ofertadas em torno de cinco oficinas, e, ao final, os alunos recebem a certificação referente às horas de participação. Tal proposta surgiu com o intuito de proporcionar aos acadêmicos do Curso de Letras da UFSM atividades práticas que promovesssem experiências além das atividades acadêmicas desenvolvidas em sala de aula. As oficinas, realizadas desde 2015, já contaram com diversas propostas e convidados, dentre eles, professores do âmbito da UFSM e também de outras instituições de ensino (pública e privada). A metodologia das oficinas tem se organizado em três etapas principais: na primeira delas, há o planejamento, isto é, o momento inicial no qual são realizadas reuniões ordinárias com o grupo para que se definam as prioridades daquele ano, as temáticas a serem desenvolvidos, os professores ministrantes, as datas de realização e a avaliação do projeto. Após essa organização inicial, são enviados convites aos professores com as temáticas elaboradas pelo grupo, fazendo também a consulta de datas para

¹ Acadêmica do 6º semestre do Curso de Letras Bacharelado (UFSM).
E-mail: fidah.mohamad@gmail.com

² Acadêmica do 6º semestre do Curso de Letras Licenciatura (UFSM).
E-mail: lillianemonteiro@outlook.com

que seja possível a realização delas. A partir disso, desenvolvem-se as atividades, todas sob orientação da professora tutora: o grupo faz a divulgação do evento por meio das redes sociais, e-mails são enviados aos alunos e avisos são afixados nas salas de aulas. Por fim, realiza-se a avaliação de cada uma das oficinas realizadas, nas reuniões ordinárias do grupo, onde cada petiano (integrante do grupo PET) propõe pontos a melhorar, há também uma autoavaliação, a fim de qualificar cada vez mais o trabalho. Espera-se, como resultados deste trabalho de ensino, principalmente, o fortalecimento das relações entre o PET Letras e a comunidade acadêmica em geral, além da promoção da associação entre ensino e extensão pela comunidade acadêmica.

O presente artigo relata as experiências vivenciadas no desenvolvimento das Oficinas PET Letras, um projeto de extensão realizado pelo grupo PET Letras (Programa de Educação Tutorial do Curso de Letras) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A proposta aqui é apresentar uma das tantas atividades de extensão que o grupo PET Letras realiza no interior do curso de Letras da UFSM.

O grupo PET Letras – UFSM surgiu, no ano de 2011, vinculado ao Laboratório Corpus/UFSM, com 12 bolsistas (alunos do curso de Letras – UFSM) e tendo como tutora a Professora Doutora Verli Fátima Petri da Silveira, Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria. O PET Letras/ Laboratório Corpus – UFSM vem caracterizando-se, desde a sua fundação, por desenvolver seus trabalhos com base no “tripé”: ensino, pesquisa e extensão.

O projeto Oficinas PET Letras ocorre anualmente na UFSM desde o ano de 2015. Antes disso, com semelhante perspectiva de trabalho, baseada principalmente nas demandas do curso de Letras e na aproximação do grupo com os acadêmicos de Letras, a atividade chamava-se Ciclo de Palestras – PET Letras, projeto esse ocorrido durante quatro anos consecutivos, de 2011 a 2014.

O Ciclo de Palestras oferecia aos alunos momentos dedicados a debates e diálogos, bem como a propiciava exposições de assuntos que fossem relacionados com a área do profissional e do curso de Letras. Foi pensado como forma de discutir língua, Literatura e assuntos afins ao curso, através dos professores do curso de letras da UFSM ou de outras instituições de ensino. Dessa maneira, promovendo o conhecimento e a troca de experiências para com os estudantes.

As atividades eram promovidas semestralmente e, a cada mês, alguns convidados explanavam sobre temáticas essenciais para os acadêmicos do curso de Letras. O público era constituído por estudantes de todos os semestres do curso de Letras: não só alunos dos cursos de Espanhol, Inglês, Português Bacharelado, Português Licenciatura, da pós-graduação, mas também estudantes de cursos afins como, por exemplo, Comunicação Social, Jornalismo etc.

Os ciclos também eram uma forma de homenagear as pessoas importantes para o Curso de Letras e demais pertencentes do Centro de Artes e Letras (CAL), pois havia conversas sobre a vida, legado bibliográfico de grandes personalidades da área. A pluralidade de assuntos abarcados por esses Ciclos foi significativa para o seu sucesso, havia temáticas que envolviam análise linguística como: “Diferentes possibilidades de análise linguística”, onde um grupo convidado de professores do curso falou sobre suas pesquisas e elucidou com alguma análise feita. Houve também conversas referentes à Literatura, uma delas foi ministrada pelo Professor Dr. Enéias Tavares e seus orientandos, a qual foi intitulada: “Oposição é Verdadeira Amizade, Poesia e Pintura nos Livros Iluminados por William Blake”. Ao término de cada discussão era aberta a oportunidade dos estudantes se posicionarem e fazerem perguntas sobre o assunto.

O PET Letras começou a perceber que essa aproximação com o acadêmico do curso de Letras precisaria seguir uma linha com maior dinamicidade e novidade. Nessa perspectiva, o

projeto se reformulou no início do ano de 2015, e o Ciclo de Palestras passou a ser chamado Oficinas PET Letras. Além do seu título, a ideia do projeto também foi inovada; assim, sugeriu-se aos professores palestrantes uma proposta além da experiência teórica, uma maneira mais prática, a qual envolvesse os participantes do evento. Dessa maneira, trazendo para dentro do curso uma proposta interativa e experimental para os estudantes e futuros profissionais.

Assim, as Oficinas PET Letras são atividades que ocorrem em ciclos anuais, promovendo entre 4 e 5 palestras anualmente. Essas atividades realizam-se no calendário acadêmico, geralmente, nas penúltimas quintas-feiras de cada mês, no período noturno (a partir das 18h). Assim, no término de cada ciclo, é entregue aos alunos e aos participantes (os quais obtiveram presença mínima em 75% no evento) uma certificação de horas que podem ser aproveitadas como atividades complementares de graduação.

A divulgação do projeto Oficinas PET Letras acontece através de murais, nas salas de aulas, nas mídias sociais e via e-mail. As inscrições são feitas via e-mail do PET Letras, sendo alguns petianos responsáveis por administrar e controlar as inscrições e presenças dos participantes, assim como a emissão e o envio dos certificados.

Essas atividades já contaram com uma média de 100 participantes por encontro. Dentre esses, estão tanto os alunos de graduação do curso de Letras quanto alunos de outros cursos de ensino superior, alunos da pós-graduação já foi destacado; também conta-se com professores da rede pública de ensino, bem como com professores da UFSM. Todas as temáticas e proposta, conforme as Oficinas são pensadas e planejadas com cuidado pelos petianos e pela tutora do grupo, com o intuito de complementar e aprofundar conhecimentos teórico-práticos dos educandos do curso e profissionais da área.

Fotografia 1: Oficina com a Profa. Dra. Verli Petri,
ofertada em junho de 2017



Fonte: Arquivo do grupo PET Letras.

Metodologia

A proposta de metodologia e organização das Oficinas PET Letras é realizada em três momentos diferentes, são eles:

Inicialmente, há o planejamento das atividades mensais, momento em que são estabelecidas (no período de férias ou em reuniões ordinárias do grupo) as prioridades do ano corrente, as temáticas a serem desenvolvidos, os nomes dos ministrantes das oficinas, as possíveis datas de realização e a avaliação do projeto. No ano de 2017, por exemplo, o grupo distribuiu-se em subgrupos dentro do PET Letras e os petianos ficaram responsáveis por tarefas específicas: elencar as temáticas mais relevantes para o público da área, fazer um contato inicial e informal com

os pretendentes palestrantes e pré-organizar a divulgação das oficinas.

Após o planejamento, ocorre o desenvolvimento dessas atividades, em que, sob orientação da professora tutora, são enviados aos professores ministrantes um convite oficial com as possíveis temáticas elaboradas pelo grupo para cada oficina, fazendo também a consulta de possíveis datas para a realização delas. Além disso, o grupo faz a divulgação do evento através das redes sociais e de e-mails encaminhados aos alunos. Durante o evento, o grupo recepciona os ouvintes e os ministrantes das oficinas, faz a sua apresentação e auxilia-os na proposta das atividades.

Por fim, o grupo realiza a avaliação de cada uma das oficinas realizadas. Nas reuniões ordinárias, cada petiano (integrante do grupo PET) destaca os pontos fortes e os a melhorar; nesse momento final há, ainda, uma autoavaliação individual feita pelos petianos e também as considerações da tutora, tendo, assim, o objetivo é qualificar, cada vez mais, as atividades, bem como a atuação de cada um dentro do grupo.

Referencial teórico

A universidade, por ser um lugar que se caracteriza por ser disseminador de conhecimento e de produção de saber, abre espaço para muitos projetos de extensão, e o Programa de Educação Tutorial (PET) atenta para a extensão, dentro e fora do espaço acadêmico. O PET Letras, considerando essa proposta, entende que oficinas são fundamentais para a formação do profissional de Letras, pois têm como objetivo principal aprimorar um saber já visto de forma diferenciada. A extensão permite ao petiano pensar e discutir sobre as demandas dos alunos do curso e da comunidade em geral. Tal projeto permite ao petiano uma construção de conhecimento de forma autônoma e flexível. Tendo em vista que:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais (FREIRE, 2006, p. 25).

Segundo Paulo Freire (2006) educar o outro é a melhor forma de se adquirir conhecimento, – ver através da “ignorância” do outro – permite entender quais as “reais” necessidades, e é nessa perspectiva que as oficinas são idealizadas: é necessário, primeiro, pensar quais as carências dos alunos e, a partir dessa prática, tentar solucioná-las ou simplesmente elucidá-las de forma a ser pensada a longo prazo e que desperte o interesse do educando.

Esse projeto faz parte de um ciclo de projetos de extensão que o grupo vem desenvolvendo desde a sua fundação, primando sempre pela qualificação na formação do profissional de Letras. A extensão, por circular entre o teórico e o prático, possibilita a socialização e democratização do conhecimento, e este projeto, realizado no meio universitário, busca promover ações de melhoria institucional no que diz respeito à formação de docentes e discentes. As ações de extensão voltadas para o meio universitário, assim como as Oficinas realizadas pelo grupo PET, devem ser entendidas como atividades de ensino relevantes ao meio em que estão inseridas, uma vez que exigem conhecer o público ao qual são ofertadas e, sobretudo, as suas demandas.

Tabela 1: Primeiro ciclo das Oficinas Pet Letras (2015)

OFICINA	TEMA	CONVIDADOS	DATA DE REALIZAÇÃO
OFICINA 01	O que é uma jornada de trabalho? Discutindo e Visitando William Blake no Reino Unido e em Portugal	Prof. Dr. Enéias Tavares	12/05/2015
OFICINA 02	Práticas de produção textual: propostas inovadoras para o ensino	Profª Liana Giachini	23/06/2015
OFICINA 03	O gaúcho na formação da identidade	Prof. Tau Golin	20/08/2015
OFICINA 04	Oficina de redação acadêmica e discurso científico: redação acadêmica e projeto de pesquisa	Convidadas: Kelly Guasso mestranda (PPGL/UFSM) Viviane Brust doutoranda (PPGL/UFSM)	20/10/2015
OFICINA 05	Oficina de redação acadêmica e discurso científico: discurso científico e de vulgarização	Profa. Dra. Caciane Medeiros (DCLD/UFSM) Profa. Dra. Larissa Montagner Cervo (DLV/ Laboratório Corpus/ UFSM)	27/11/2015

Fonte: Arquivo PET Letras.

Tabela 2: Segundo ciclo das Oficinas Pet Letras (2016)

OFICINA	TEMA	CONVIDADOS	DATA DE REALIZAÇÃO
OFICINA 01	Ateliê de textos: ler para aprender e escrever para ler Parte I	Ateliê textos	02/06/2016
OFICINA 02	Ateliê de textos: ler para aprender e escrever para ler Parte II	Ateliê textos Profa. Dra. Cristiane Fuzer	23/06/2016
OFICINA 03	Ialler de escritura académica: benefícios y riesgos de la cita	Prof. Dr. Juan Manuel López Munoz (Universidade de Cádiz – Espanha).	22/09/2016

Fonte: Arquivo PET Letras

Tabela 3: Terceiro ciclo das Oficinas Pet Letras (2017)

OFICINA	TEMA	CONVIDADOS	DATA DE REALIZAÇÃO
OFICINA 01	A constituição do dicionário como ferramenta de ensino e o trabalho em sala de aula	Profa. Dra. Verli Petri	22/06/2017
OFICINA 02	A importância da leitura de textos literários e as abordagens no ensino de literatura no ensino médio	Profa. Dra. Raquel Trentin e Prof. Dr. Lucas da Cunha Zamberlan	17/08/2017
OFICINA 03	A contribuição social do aprendizado de língua estrangeira para o sujeito brasileiro e as novas técnicas de ensino-aprendizagem em L2	Profa. Dra. Eliana Sturza e Profa. Dra. Susana Reis	14/09/2017
OFICINA 04	A abordagem gramatical correlacionada à abordagem oral no ensino de língua no ambiente acadêmico”	Profa. Dra. Larissa Montagner e Profa. Dra. Célia Della Méa	26/10/2017
OFICINA 05	“O profissional do bacharelado em letras, contribuições e práticas no ambiente acadêmico	Prof. Dr. Pablo Ribeiro, Profa. Dra. Francieli Matzembacher e Empresa Júnior	16/11/2017

Fonte: Arquivo PET Letras

Resultados

O grupo PET Letras (UFSM) espera como resultados deste trabalho de ensino e extensão, principalmente, o fortalecimento das relações entre o PET Letras e a comunidade acadêmica em geral; nessa perspectiva, um maior envolvimento do Programa de Educação Tutorial com alunos, professores e externos à universidade. Além disso, a promoção da associação entre ensino e extensão pela comunidade acadêmica. Logo, procura-se proporcionar aos alunos um novo contato com a área abordada e, assim, motivá-los a conhecer e a explorar os campos de estudos que constituem o Curso de Letras.

Fotografia 2: Momento prático em uma das oficinas ofertadas



Fonte: Arquivo PET Letras.

Considerações finais

O trabalho com as oficinas é visto como uma atividade satisfatória na formação acadêmica dos integrantes do Grupo PET Letras, pois essa experiência de pensar, planejar, organizar e, sobretudo, se envolver para com a atividade, proporciona aos petianos capacitação e experiência além da acadêmica. Ainda assim, a possibilidade do contato com professores, com alunos, as necessidades relevantes do campo das Letras e o desenvolvimento do senso crítico e da responsabilidade social, fazem com que seu envolvimento tenha maior completude.

Além disso, entende-se ainda, que este contato proporcionado pelo grupo é muito benéfico e importante para os demais estudantes do curso, pois permite aos mesmos um momento de interação e aprendizagem com os profissionais da área, além dos

próprios petianos. A percepção do trabalho como um todo, como um processo passível de elaboração/planejamento, execução e avaliação realizado pelos sujeitos autores dos processos conduz, quase que necessariamente, à realização humana no mundo do trabalho.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

EXTENSÃO, P. N. **Manual de Extensão**. Disponível em: <<http://www.fafem.com.br/extens%EAo/manual.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

_____. Manual de Extensão. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/pre/images/anexos-do-site/Politica.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BOLETIM LETRAS INPET: UM PROJETO QUE DEU O QUE LER

Cássius Selvero Pazinato¹
Evelise Pereira da Silva²
Guilherme Bazzi Guerra³

Considerações iniciais

Este artigo visa a apresentar o Boletim Letras InPET, um dos tantos projetos do Grupo PET Letras, realizado nos anos de 2011, 2012, 2013 e no 1º semestre de 2014. O objetivo principal daquele trabalho foi o de criar um jornal, impresso, em que, nele, por meio dos gêneros textuais midiáticos, principalmente a notícia, fossem relatados à comunidade acadêmica os projetos de pesquisa e extensão, bem como de ensino, desenvolvidos pelo curso de Letras e pelo Grupo PET Letras com outras instituições. Ao destinar-se à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao próprio curso de Letras dessa instituição, esse projeto de divulgação também apresentava como proposta enfatizar a importância que tais ações e participações têm tanto para a sociedade quanto para a própria formação dos alunos petianos. A própria realização desse informativo insere-se nesse processo.

O Boletim Letras InPET consistia na produção de um jornal informativo semestral no qual eram relatadas atividades promovidas pelo PET bem como as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas no curso de Letras da UFSM. O referido informativo foi planejado, digitalizado, revisado e dis-

¹ Bolsista do grupo PET Letras UFSM, acadêmica do curso Letras Português e Literaturas - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

² Bolsista do grupo PET Letras UFSM, acadêmica do curso Letras Português e Literaturas - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Ex-petiano do grupo PET Letras.

tribuído por integrantes do Grupo PET Letras, sob a orientação da tutora à época, a professora Verli Petri da Silveira⁴.

Tratar desse boletim é tratar da produção de um jornal informativo semestral no qual foram relatadas atividades promovidas pelo PET, bem como atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas no curso de Letras. O referido informativo, ao ser elaborado, passou por etapas, todas elas sob responsabilidade de uma equipe, ou seja, o próprio grupo PET Letras foi o responsável pela repercussão e divulgação das informações do periódico. O grupo incumbia-se, especificamente, da divulgação de atividades realizadas: quando algo acontecia, nos termos já referidos, e movimentava a comunidade acadêmica, aí entrava a sua participação de passar informações em torno do que é e de como trabalha um grupo PET Letras, em continuidade ao que já ocorria em 2011 e 2012. Vale referir que, em 2014, a elaboração do Boletim Informativo Letras InPET foi uma atividade conjunta entre o PET Letras, o PET Cisa e a PET COM (Editora do Curso de Produção Editorial). Essa nova relação teve por objetivo estabelecer um trabalho de parceria para a diagramação do boletim informativo, periódico trimestral do PET Letras, e para a revisão de materiais escritos produzidos pelo PET Cisa e pela PET COM.

Metodologia

Era preciso que o grupo discutisse e definisse cada etapa a ser empreendida. Para tanto, em reunião, a equipe responsável pela produção do boletim informativo elencava os eventos a serem acompanhados, as oficinas a serem realizadas e os textos a serem produzidos para compor cada nova edição. E isso não somente com o intuito de divulgar as atividades do grupo

⁴ A Prof.^a Dr.^a Verli Petri da Silveira foi tutora do grupo no período de 2010 a 2017. Atualmente, a coordenação está a cargo da Prof.^a Dr.^a Taís da Silva Martins.

PET Letras/LabCorpus⁵, mas também com o objetivo de informar sobre eventos gerais do curso de Letras da UFSM e sobre as linhas de pesquisa nas quais os alunos poderiam se inserir.

Nesse percurso de acompanhar e de divulgar projetos em execução, muitos eventos estiveram sob o olhar desse boletim. No ano de 2011, foram desenvolvidas as oficinas na CUICA, grupo de percussão do Bairro Camobi, cujo objetivo era a inclusão de crianças e de jovens em situação e risco da rede pública de ensino. A partir de outubro daquele mesmo ano, apresentou-se e desenvolveu-se a oficina “O que faz você feliz na CUICA?”, cuja temática aliava uma proposta para o incentivo da escrita e da leitura dentro da Associação. Além disso, o grupo auxiliou no desenvolvimento do projeto Cinefórum, o qual contou com a exibição de filmes – e a distribuição de pipoca e de cachorro-quente preparados pelos petianos– seguindo-se de momento de debate sobre o tema enfocado no enredo, com a participação de professores do curso, envolvendo não só a área de Letras, mas também áreas afins.

O grupo PET trabalhou constantemente com as escolas da rede pública de ensino. No bairro Camobi, foram desenvolvidas atividades nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental Renato Zimmermann e Júlio do Canto. O primeiro questionamento dessas oficinas foi sobre o espaço do dicionário em sala de aula; na sequência, buscou-se desmistificá-lo do seu caráter extremamente normativo. A partir disso, realizaram-se atividades que buscavam desenvolver habilidades para leitura e para escrita.

A implementação das oficinas, atividades e demais eventos já cumpriam em seu próprio acontecer seus objetivos.

⁵Corpus - Laboratório de fontes de estudos da Linguagem é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e reúne pesquisadores de dois GRPesq: Linguagem Sentido e Memória e Literatura e História. As atividades desenvolvidas centram-se na realização de pesquisas, eventos e disponibilização de acervos, desenvolvendo-se o incentivo ao trabalho de recuperação de fontes. Desde o início das atividades do Grupo PET Letras/LabCorpus é um importante espaço para a formação e desenvolvimento do grupo, cujos integrantes vinculam-se, na maioria das vezes, às pesquisas realizadas pelos professores atuantes no Laboratório.

No entanto, trabalhos tão significativos para os envolvidos nas propostas não podem ficar em silêncio, dados a apagamentos. Assim, eram então divulgados: apresentavam a produção do grupo PET Letras/LabCorpus, do Curso de Letras, à comunidade acadêmica, pelo lugar que esse fazer assume, e também buscava novos futuros integrantes para o grupo – alunos que estavam querendo ou passaram a querer esse tipo de comprometimento – que se encaixassem nesse perfil que estava sendo desenhado no novo grupo PET da UFSM.

Tocando em questões relativas à sua forma, sob um viés estrutural, no decorrer do trabalho, ficou acordado que o boletim não ultrapassaria 15 páginas e seria composto pelas notícias das atividades desenvolvidas e de dois textos extras: na Coluna PET Pesquisa, seria apresentado o relato de algum profissional sobre determinada linha de pesquisa do Curso de Letras da UFSM; já na coluna PET Saberes estaria um texto relativo a algum tema da área de Letras, seja Linguística, Literatura e/ou ensino de língua e Literatura.

Referencial teórico

No mundo em que vivemos, a linguagem perpassa cada uma de nossas atividades, em todas as suas esferas e possibilidades: individuais e coletivas, linguagens verbais e não-verbais, entre outras. As linguagens também se cruzam, se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social. Além disso, a língua, ao longo do percurso histórico da humanidade, alçou distintos status, mas, mais especificamente, nos últimos séculos, virou objeto de ciência, com Saussure (2012 [1916]), instrumento de comunicação (conforme Jakobson, s.d.), assim como se constituiu base comum de processos discursivos diferenciados (PÊCHEUX, 2009 [1975]), entre outros tantos conceitos que movimentam as ciências linguísticas,

a fim de preservar sua memória e o processos que a envolvem, a exemplo da noção de variação linguística. Nos dizeres de Auroux (1992),

[...] por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário (AUROUX, 1992, p.40).

Nesse sentido, Auroux (1992) expõe a criação dos instrumentos linguísticos, considerando que dicionários e gramáticas simbolizam ações tecnológicas das línguas naturais. Por isso, antes da era da informação e da globalização pela Rede Mundial de computadores, a língua já havia passado por um processo tecnológico.

A linguagem acompanhou, desde os primórdios da civilização, os movimentos e as transformações histórico-sociais. Com base nisso, pode-se dizer que os estudos que a tocam tornam-se cada vez mais importantes. Desde o surgimento dos instrumentos linguísticos (dicionários e gramáticas) até o surgimento dos gêneros midiáticos e das redes sociais, a linguagem é utilizada não só como um meio de comunicação, mas também como elemento imprescindível para a interação entre sujeitos. De acordo com Pechêux ([1975] 2009), em conformidade a um aporte discursivo de leitura e de análise, a língua é a base do discurso, e o discurso é tomado como o efeito de sentido entre locutores. Também por meio da linguagem o sujeito troca informações com outros sujeitos, defende seus pontos de vista, suas posições, busca “alterar” a opinião de seus interlocutores, ou mesmo é “convencido” da opinião do interlocutor. De acordo com a teoria da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, é pela linguagem que se materializa toda a forma de opinião, de informação e de ideologia. Por isso, de acordo com Orlandi (2005), devemos:

Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar (ORLANDI, 2005, p. 9).

A linguagem é um instrumento pelo qual o sujeito significa no mundo. É por meio da linguagem que o sujeito tem se expressado no transcorrer da história, registrando o resultado de suas ideias, emoções e inquietações. Desde os primeiros rudimentos da escrita, passando pela instrumentalização tecnológica de dicionários e gramáticas, até chegar à era da informação e da globalização com os gêneros midiáticos e com os multiletramentos, o sujeito faz a sua história e cria as suas relações sociais por meio da linguagem.

Neste pequeno espaço, tentamos expor algumas reflexões acerca da importância da linguagem, desde os primeiros registros da escrita, dos instrumentos linguísticos, até os dias de hoje, pois é por meio dela que se apresenta o caráter social do indivíduo – ou do locutor, ou do sujeito, ou do cidadão; é por meio dela que se fazem interagir os homens na sociedade. É com base nela, com ela, sobre ela que os projetos tomaram corpo, fizeram-se presença, viraram matéria de reflexão. Neste espaço, buscamos trazer e mostrar nossas inquietações sobre o quanto, enfim, a linguagem é heterogênea, é complexa, é instigante nos seus aspectos artísticos, histórico, social e cultural.

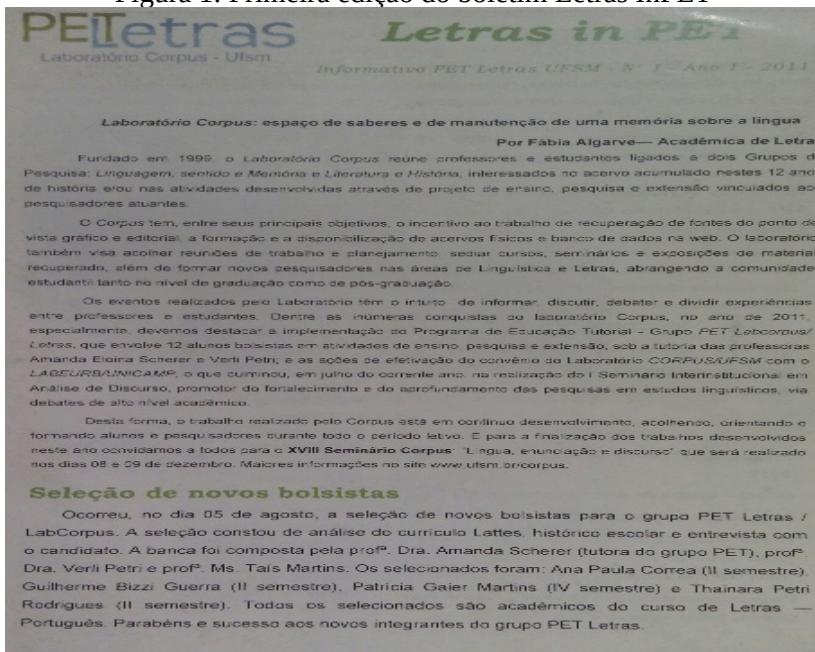
Resultados

Considerando nosso envolvimento teórico e prático na consolidação do projeto aqui exposto, cumpre referir que este teve, como resultado, edições semestrais/anuais do Boletim Letras InPET. Durante suas edições, professores da área de Letras contribuíram com relatos sobre as linhas de pesquisa, eventos do Laboratório Corpus foram divulgados, bem como também o

foram outros eventos realizados em parceria com outros grupos PET da UFSM, como o InterPET – reunião mensal dos grupos.

Consideramos que o objetivo principal da veiculação do informativo foi atingido: apresentar o trabalho do grupo PET Letras nas áreas de ensino, pesquisa e extensão e motivar novos acadêmicos das Letras a integrarem o grupo como bolsistas ou como voluntários.

Figura 1: Primeira edição do boletim Letras InPET



Fonte: Arquivo do PET.

Figura 2- Segunda edição do boletim Letras InPET



Fonte: Arquivo do PET.

Considerações finais

Ao entender a importância do jornal como uma ferramenta midiática de divulgação de informações dos projetos de pesquisa e extensão do grupo PET, buscamos, por meio de um projeto, elaborar um informativo e, alicerçados nesse fazer, relatar, neste pequeno espaço do artigo as atividades de extensão que atravessaram os limites da instituição e estabeleceram o contato, a troca, o diálogo e a interação – com a comunidade escolar. Consideramos, então, que foi o jornal esse instrumento de divulgação, essencial aos projetos realizados pelo grupo, pois, por ele, foi possível mostrar à comunidade em que estamos inseridos a importâncias desses projetos (também) para a formação do grupo PET.

Referências

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: UNICAMP, 1992.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Traduzido por Izidoro Blikstein e José P. Paes. São Paulo, SP: Cultrix, [s.d.].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: UNICAMP, 2009 [1975].

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

A INFLUÊNCIA DA FRONTEIRA NA LINGUAGEM DO RIO GRANDE DO SUL: DICIONÁRIO COMPARTILHADO DE LÍNGUA DE FRONTEIRA

Annie Meireles Resch¹
Laura Velasques Gomes²
Thaynara Luiza de Vargas³

Considerações iniciais

Apresentaremos, neste capítulo, o **Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira** - um projeto do grupo PET Letras realizado, no ano de 2014, em parceria com o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF). O objetivo principal deste trabalho foi criar um dicionário compartilhado de língua de fronteira juntamente com alunos de duas escolas (Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Solés e Escola Municipal de Ensino Fundamental Otávio Silveira) da cidade de Itaqui, no Rio Grande do Sul, que faz fronteira com a Argentina e, por isso, recebe certa influência da Língua Espanhola, falada do outro lado do Rio Uruguai, que se funde com a linguagem regional do Rio Grande do Sul, tornando-se uma “língua de fronteira”. No projeto, nosso objetivo foi instigar os alunos a refletirem sobre sua própria língua, sua condição de fronteiriços, bem como a valorização de trocas culturais e linguísticas. Também ressaltamos a importância da produção desse dicionário, disponibili-

¹ Ex-petiana do grupo PET Letras, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - Nível Mestrado.

² Ex-petiana do grupo PET Letras, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - Nível Mestrado.

³ Bolsista do grupo PET Letras UFSM, acadêmica do curso Letras Português e Literaturas - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

zado nas modalidades impresso e **on-line**, como um instrumento que guarda e divulga a linguagem regional.

O dicionário vocabular é um instrumento linguístico que, há muito tempo, está presente em nossas casas e escolas, sendo utilizado, na maior parte das vezes, como uma ferramenta para tirar dúvidas sobre a grafia correta de uma palavra, seu significado etc.

Normalmente, tem-se uma ideia de dicionário como instrumento linguístico que contém todas as palavras da língua e seus significados. Ele é muito utilizado para elucidar dúvidas ortográficas e, quando uma palavra não é encontrada no dicionário tradicional, ela é considerada como inexistente. Outro pensamento comum é de que os sentidos das palavras estão todos contidos no dicionário, como algo imutável e absoluto. Partindo dessa perspectiva, o projeto **Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira** busca desconstruir esse conceito, propondo a possibilidade de ir além do que já está posto. Assim, buscamos construir uma ideia diferenciada de dicionário, possibilitando aos alunos que proponham outros sentidos para as palavras que nascem a cada dia na região da fronteira. Dessa forma, os objetivos desse projeto, além do principal, que foi buscar construir um dicionário específico com a língua de fronteira, foram: motivar os alunos a refletirem sobre a linguagem peculiar que eles utilizam em seu dia a dia, bem como proporcionar a eles a compreensão do que é um dicionário e de como se constituem os sentidos dos verbetes que constroem uma identidade linguística.

Metodologia

O projeto **Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira** concretizou-se em duas escolas da cidade de Itaqui, cidade fronteiriça localizada na região oeste do estado do Rio Grande do Sul na divisa com a cidade argentina Alvear, são elas: Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Solés e Esco-

la Municipal de Ensino Fundamental Otávio Silveira, sendo que de cada uma delas participou uma turma de quinto ano. Para o seu desenvolvimento, encontros semanais foram realizados pelo grupo PET para planejar e discutir como as atividades seriam executadas.

O primeiro passo para a efetivar o projeto foi explorar Itaqui. Dessa forma, os petianos buscaram conhecer a cidade, bem como suas situações socioeconômicas e culturais. Na primeira visita à escola, foi aplicado um questionário para a coleta de dados.

Na segunda e última visita aos alunos, buscou-se desconstruir com os alunos a ideia de dicionário tradicional, bem como sensibilizar e instigar esses estudantes a pensarem sobre o que é um dicionário e despertar neles a curiosidade sobre o sentido das palavras, a fim de promover a criação de verbetes. Para possibilitar essa sensibilização foram utilizados vídeos, tiras do Tapejara, poemas regionalistas e exercícios com palavras pré-selecionadas, conforme planejado e organizado previamente pelos integrantes do grupo Pet Letras em suas reuniões semanais.

Utilizou-se também uma rede social de acesso a todos os alunos para a postagem de novos verbetes e seus respectivos sentidos, conforme fossem elaborados pelos alunos. Dessa forma, à medida que os alunos de Itaqui (des)construíam palavras do seu dia a dia, recorriam a esse grupo na rede social para fazer a postagem desses verbetes.

A criação de verbetes foi um momento de total e livre expressão dos alunos, dessa forma, não houve censura ou corte nos sentidos atribuídos às palavras escolhidas por eles, que poderiam incluir desenhos e imagens nas suas definições. Diante disso, ressaltamos que o dicionário não se deteve a incluir todas as letras do alfabeto, deixando a critério dos alunos a escolha dos verbetes, que poderiam ser palavras ou expressões.

Em uma última etapa, o grupo PET reuniu-se para selecionar os verbetes elaborados pelos alunos (a fim de evitar que

os verbetes se repetissem no interior dos dicionários); a diagramação e o **design** dos dicionários ficaram sob responsabilidade de profissionais da área de Produção Editorial da UFSM. O resultado desse projeto foi um dicionário com palavras específicas da língua utilizada na região e justifica-se por possibilitar aos alunos e aos petianos o pensar sobre a linguagem, a valorização das trocas culturais e linguísticas próprias à região fronteiriça.

Ao expandirmos as noções de língua, dicionário e fronteira, ampliamos as possibilidades de reflexão dos alunos e isso nos encaminha a refletir sobre a importância de problematizar o senso comum, instigando o desenvolvimento de ideias e de posicionamentos.

Fotografia 1: Momento de sensibilização para despertar a curiosidade dos alunos



Fonte: Arquivo do grupo PET Letras.

Fotografia 2: Alunos criando verbetes para o dicionário



Fonte: Arquivo do grupo PET Letras.

Fotografia 3: Alunos explorando a cidade de Itaqui



Fonte: Arquivo do grupo PET Letras.

Referencial teórico

Quando falamos, fora dos muros da academia, sobre dicionário, não é necessário que nos aprofundemos muito sobre tal instrumento/ferramenta linguístico(a). O dicionário, por si só, dispensa apresentações, visto que, aos olhos da sociedade em geral, ele é o livro que traz em seu interior palavras e significados, sinônimos, classes gramaticais etc. É de conhecimento comum que quanto maior o dicionário, maior é a sua abrangência sobre as palavras da língua, e, se estiver atualizado, é ainda melhor.

Ao aceitarmos a parceria com o PEIF para trabalharmos com escolas de região fronteiriça, buscamos levar aos alunos uma reflexão sobre as diversas possibilidades de trabalho com o dicionário: ele não é algo intangível ou intocável. Ele não atinge a totalidade da língua, fato que impossibilita que os sujeitos possam se identificar completamente com ele. Conforme Petri (2010, p. 23):

[...] o sujeito chega à escola com “sua língua”, o que atesta que o professor não recebe o aluno como uma página em branco sobre a qual seria possível delinear aspectos da língua culta: o aluno chega à escola pleno de sentidos. Eis a importância do papel do professor de língua; é ele, em especial, no interior da escola, quem trabalha questões de identidade e de alteridade, via língua. É pela língua que o sujeito passa a compreender as diferenças e as semelhanças entre o “eu” e o “outro”, percebendo que os discursos são produzidos por sujeitos e que os livros podem/devem ser lidos de forma crítica, pela incompletude que lhes é própria (nem tudo vai caber neles) e por sua equívocidade constitutiva (o sentido pode ser outro).

Entendemos que é por meio da língua que o homem (sujeito empírico) poderá se constituir enquanto sujeito-discursivo, pois é preciso que o sujeito faça uso da língua para signifi-

car. É necessário que haja um assujeitamento à língua para que o sujeito possa significar na história.

Quando dizemos que o sujeito, para se constituir, deve-se submeter à língua, ao simbólico, é preciso acrescentar que não estamos afirmando que somos tomados pela língua como sistema formal, mas sim pelo jogo na história, pelos sentidos. É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos (ORLANDI, 2002, p.68).

Ao abordarmos o trabalho com os dicionários a partir de uma perspectiva diferente daquela que os alunos já estão acostumados (para serem consultados), permitimos também que os alunos se reconheçam enquanto sujeitos-fronteiriços, ou seja, indivíduos que estão em um lugar onde línguas se encontram e constituem juntas uma outra língua, que não é nem portuguesa, tampouco espanhola, mas é uma língua outra.

Nessa fronteira, do Rio Grande do Sul com os países da bacia do rio da Prata, sobretudo na zona fronteiriça do Brasil com o Uruguai, há ainda uma terceira “língua”, que não é nativa, não é a do imigrante, não é a do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteiriça e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território linguístico da outra (STURZA, 2005, p. 48).

A desconstrução dos dicionários e a possibilidade de os alunos refletirem sobre a própria língua, sobre a posição-sujeito que ocupam e o lugar social em que estão inseridos, possibilita que os estudantes tenham consciência sobre a língua que está em funcionamento em seus cotidianos, no contato com a família, com os amigos, professores etc., ainda que essa língua não esteja inserida nos dicionários tradicionais/formais. Eles puderam conhecer através desse projeto uma outra posição-sujeito que não é aquela de sujeito-aluno, mas a de função-autor. O aluno, interpelado pela ideologia e assujeitado à língua, dá ao verbete

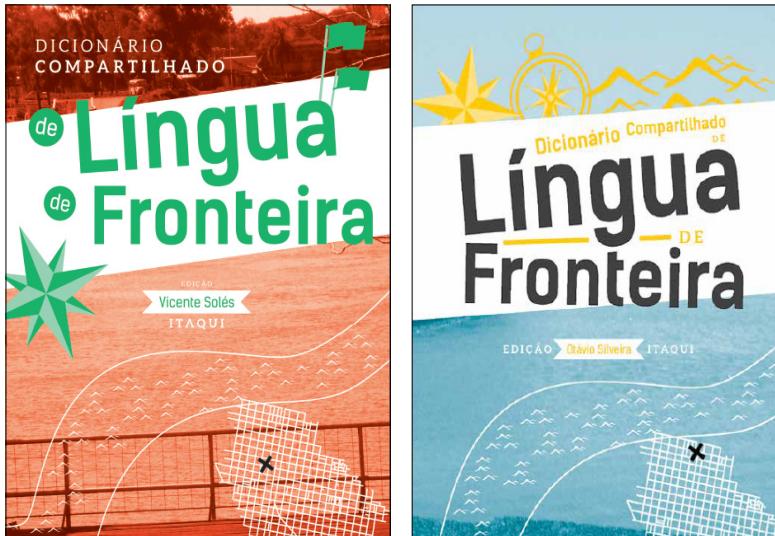
um sentido que é seu e não de outros.

Através da autoria, o sujeito busca controlar a multiplicidade das possíveis formulações e reger a incompletude; contudo, essa busca fracassa pela impossibilidade de apagar a relação com a alteridade constitutiva - interdiscurso, ideologia – que marca a abertura ao simbólico. A autoria não pode ser separada da história, assim como também não pode ser compreendida sem se considerar o sujeito (BIAZUS, 2015, p. 64).

Resultados

Este projeto teve como resultado dois dicionários impressos e ilustrados (pelos alunos envolvidos) com palavras específicas da região fronteiriça, sendo um para cada escola.

Figura 1: Capa dos dois dicionários



Fonte: Arquivo do PET.

Devido ao grande sucesso das edições impressas dos **Dicionários Compartilhados**, e como sua venda é proibida, esses materiais serão disponibilizados numa plataforma **on-line**. Para isso, estamos em processo de criação de um **site** com a colaboração de estudantes do curso de Sistemas de Informação, que fazem parte de um dos grupos PET da UFSM e farão o **design**, para, posteriormente, os integrantes do grupo PET Letras iniciarem o processamento de digitação de todas as palavras contidas nos dois dicionários. A previsão é de que até o final do corrente ano (2017) essa plataforma esteja pronta para acesso.

O lançamento dos dicionários aconteceu em ambas as cidades, Santa Maria e Itaqui. Em Itaqui, o evento foi realizado na Câmara de Vereadores do município, contando com a presença dos professores e alunos envolvidos no projeto, bem como seus familiares e a comunidade escolar. Nesse momento, foram relembrados os momentos da construção do dicionário até se chegar na produção final. Além disso, um grupo de danças da cidade fez uma apresentação artística para mostrar ao público a mistura do Brasil e Argentina, com danças gaúchas e tango.

Em Santa Maria, o lançamento aconteceu em dois momentos. Primeiro, os alunos itaquenses conheceram a Escola Pão dos Pobres e realizaram uma sessão de autógrafos para um grupo de alunos que participava de outro projeto do grupo PET Letras. Depois, os autores foram levados para conhecer a Universidade Federal de Santa Maria e realizar o segundo lançamento no Programa de Pós Graduação em Letras.

Considerações finais

Ao entender a importância de expandir as noções de língua, dicionário e fronteira, e ampliar as possibilidades de reflexão dos alunos, pudemos concluir o quanto significativo foi a possibilidade de desconstruir o senso comum, instigando-os a criarem suas próprias ideias e posicionamentos frente ao mundo

e frente à sua condição de sujeito fronteiriço. Assim, tal projeto possibilitou aos alunos e petianos o pensar sobre a linguagem, bem como a valorização das trocas culturais e linguísticas, próprias à região fronteiriça.

Referências

BIAZUS, Camilla Baldicera. **Dicionário Compartilhado:** espaço de criação, resistência e subjetividade. 2015. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Do Sujeito na História e no Simbólico. In: ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico:** para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PETRI, Verli; SIVERIS, Daiane; DELEVATI, Daiane; RODRIGUES, Nina R. **Um outro olhar sobre o dicionário:** a produção de sentidos. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010. v. 1. 120 p. Disponível em: <<http://corpus.ufsm.br/?p=140>>. Acesso em: 25/09/2017.

STURZA, Eliana. Língua de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura.** vol.57, n. 2. São Paulo. Abr./ Jun. 2005.

AS RELAÇÕES ENTRE A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

Betiane Streck¹
Gabriela Gonçalves²
Thaís Costa³

Palavras Iniciais

As relações entre cinema, literatura, língua, formação da cidadania e leitura de mundo são evidências presentes na maioria dos trabalhos desenvolvidos na área de Letras e tais relações são exploradas por diferentes profissionais. O Grupo PET Letras partiu dessa premissa já estabelecida para desenvolver uma série de atividades que contemplasse seus objetivos de desenvolver a leitura, a interpretação e a produção de sentidos de modo prazeroso e criativo no interior de diferentes grupos sociais, conforme passamos a relatar a partir deste momento.

Cine Escola: a arte do cinema além da tela

Foi a partir das experiências exitosas no interior da Universidade Federal de Santa Maria e no interior de uma organização não governamental, Orquestrando Arte, que se decidiu investir em um projeto no interior de uma instituição escolar. O

¹ Bolsista do grupo PET Letras UFSM, aluna do curso Letras Português e Literaturas - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria.

² Bolsista do grupo PET Letras UFSM, aluna do curso Letras Português e Literaturas - Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Ex-petiana do grupo PET Letras, aluna do Curso de Letras Português e Literaturas Licenciatura- bolsista de Iniciação Científica (IC) da Universidade Federal de Santa Maria.

Cine Escola consistia na realização de sessões de cinema, debates e interação na escola, o que ocorria mensalmente e era constituído pela comunidade escolar da Escola Pão dos Pobres. É importante destacar que o público do Cine Escola era bastante diversificado, com crianças de diferentes idades bem como os seus familiares e vizinhos. A receptividade era ótima e reuniam-se cerca de cem pessoas mensalmente para as sessões, havendo ampla discussão e sugestões de temáticas, com a participação efetiva da comunidade escolar. No interior desse grupo tão diversificado de participantes, tivemos de redimensionar nosso trabalho, iniciando com a sensibilização ao cinema, o que realizamos através da apresentação de curtas. Em geral, a cada sessão, eram reproduzidos dois curtas, seguidos das discussões do grande grupo.

Entendemos que o cinema proporciona um grande prazer, conduzindo ao aprendizado de modo lúdico e trazendo contribuições para a formação cidadã. O projeto tinha por objetivo instigar o senso crítico e a imaginação de todos por meio de debates e reflexões acerca de temáticas sociais, evidenciando a importância dos valores e das relações humanas na atualidade.

A metodologia utilizada para execução do projeto com cinema consistia no seguinte: 1) o planejamento das atividades: a seleção dos filmes apresentados, assim como a avaliação dos mesmos para a obtenção da essência/importância desses a serem trabalhados na escola; 2) em um segundo momento, ocorria a divulgação do evento para a comunidade escolar; 3) e, finalmente, dava-se a realização da exposição dos filmes assim como do debate, interação, reflexão. Ao término de cada sessão, desenvolvia-se uma linha de raciocínio comum no meio escolar sobre o tema proposto, chegando assim aos objetivos propostos do caráter pedagógico e formador de sujeitos cidadãos.

Numa perspectiva linguística, literária e cultural, sabe-se o quanto necessário é trabalhar filmes nas escolas. Segundo Orlandi (1996), a linguagem do cinema permite que haja entre

os interlocutores uma relação entre eu e tu e o objeto, não se dando através de imposições, mas sim cedendo à multiplicidade de sentidos. Em nossa compreensão, a linguagem é constitutivamente incompleta e para que haja essa ilusória transparência, é preciso que se torne possível a projeção e o deslocamento de fora da tela para dentro do sujeito, ou seja, da tela para a vida. Os filmes podem ser vistos como uma ferramenta pedagógica para ensinar e ampliar a visão do seu espectador. O cinema e a reunião da comunidade escolar proporcionam conhecimentos diversificados por representar elementos socioculturais que talvez não pudessem ser acessados por algumas pessoas se não fosse pela arte do cinema.

Tais experiências têm contribuído muito com a formação geral dos acadêmicos petianos, pois proporcionam a eles preparar e executar as atividades do projeto, que são parte do processo, o que os leva a aprender muito com o grupo social que passam a integrar, via escola. Segundo Rosália Duarte, professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da PUC-Rio, parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visão de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para a educação, sua natureza pedagógica (DUARTE, 2002).

No ano de 2016, tendo em vista algumas mudanças, houve a necessidade de adequação do projeto, especificamente, o local de atuação. Surgiu então a parceria com a Associação Orquestrando Arte, com o objetivo de oportunizar aos alunos dessa associação um contato mais próximo com elementos que fazem parte da cultura humana. A ideia inicial era de realizar um encontro por mês, com a exibição de alguns curtas trazendo sempre problemáticas da vida em sociedade, da formação da cidadania, da importância dos valores humanos, das relações entre diferentes sujeitos, enfim, das práticas sociais em discussão na

contemporaneidade.

A seguir, apresentamos alguns registros (em fotografias) desses encontros:

Fotografia 1



Fonte: Arquivo do PET.

Fotografia 2



Fonte: Arquivo do PET.

Falar do Cine Arte

O projeto Cine Arte advém de experiências anteriores que o Grupo PET Letras desenvolveu na Associação Cuica (com o Cine Cuica) e na Escola Pão dos Pobres (com o Cine Escola), o que fez o Grupo reconhecer o grande prazer que o cinema proporciona em crianças, jovens e adultos, conduzindo ao aprendizado de modo lúdico e trazendo contribuições para a formação cidadã de todos os envolvidos. A atividade de extensão foi pensada pelo grupo PET Letras – Laboratório Corpus/ Conexões de Saberes e se desenvolve atualmente na Associação Orquestrando Arte, com sede provisória nas dependências da ULBRA, Campus de Santa Maria – Rio Grande do Sul. A proposta é realizar uma sessão de cinema no interior das atividades cotidianas da Associação, mensalmente, promovendo a discussão no grande grupo que será integrado pela comunidade envolvida como um

todo (crianças, jovens, adultos, professores etc.).

Promover um espaço de debates e de reflexões, a partir da exibição de produções cinematográficas com temáticas inerentes à vida em sociedade, da formação da cidadania, da importância dos valores humanos, das relações entre diferentes sujeitos, enfim, das práticas sociais em discussão na contemporaneidade. Tudo isso em espaço lúdico e musical que faz da Associação um lugar de muito aprendizado.

A metodologia utilizada para execução do projeto com cinema consistia no seguinte planejamento: o grupo Pet, em reunião ordinária, realizava o planejamento das sessões de cinema e das visitas à Associação, estabelecendo as prioridades para o ano, as datas de realização, a indicação e avaliação de filmes, as temáticas a serem desenvolvidas. Desenvolvimento: os alunos petianos, sob a orientação da tutora, elaboram e efetivam os convites à comunidade envolvida, fazem a divulgação do evento e trabalham na data do Cine Arte para que tudo transcorra dentro do previsto. Avaliação: após a realização de cada Cine Arte, o grupo se reúne para realizar a avaliação da atividade, bem como a autoavaliação, a fim de qualificar cada vez mais o trabalho.

Cine Arte 2017

No ano de 2017, o Cine Arte ganhou uma parceria muito interessante: o grupo PET COM da UFSM propôs que adicionássemos um momento para tratar do audiovisual em si. A proposta era de que nosso grupo seguisse o esquema de apresentar um curta, discutisse o tema, relacionando ele com o cotidiano das crianças e então o PET COM entraria com alguma questão relacionada à produção do audiovisual. Isso desde o processo de pesquisa, para que se produzisse um vídeo até o momento de realmente pegar em uma câmera e começasse a gravação dele. Nos reunimos para produzir o planejamento de pelo menos três encontros, que passariam a ser quinzenais e no turno da manhã,

sendo que, no semestre seguinte do ano de 2017, seriam realizados no turno inverso para contemplar esses alunos também.

No entanto, no primeiro encontro nos deparamos com uma situação desafiadora: a grande diferença de idade entre os participantes. Desde crianças muito pequenas, de cinco anos, até pré-adolescentes, com quatorze anos. As atividades seriam complicadas para seres realizadas com os pequenos e a dificuldade de compreensão por parte deles seria grande. Logo, tivemos que repensar todo o planejamento de ambos os grupos PET envolvidos na atividade para podermos proporcionar um momento interessante para os pequenos e os maiores.

A solução a que chegamos consistia no seguinte: dividir o encontro em dois momentos. O primeiro momento, das 8h às 9:45 (hora em que eles lanchavam), seria separado para os pequenos e o segundo, das 10h às 11h (quando o ônibus chegava para buscar os alunos da ONG), para os grandes. As atividades também seriam diferentes, pensadas para suscitar interesse e ampla participação em cada um deles.

E assim nos reunimos novamente para repensar o planejamento. Os encontros seguintes mostraram que a solução foi ótima. As crianças divertiram-se muito com os curtas escolhidos pelo grupo, bem como com as dinâmicas que foram feitas com eles. Por exemplo, em um encontro apresentamos “A fábula da corrupção”, um curta que tratava de pequenos furtos dos animais do dono de uma mercearia e que levaram a falência do mesmo. Conversamos com eles sobre as pequenas corrupções que eles poderiam ter presenciado no dia-a-dia, tratando do assunto com bastante leveza e de uma forma que se aproximasse do cotidiano deles, como por exemplo, o roubo de uma borracha ou de um lápis. Para o momento da dinâmica, foi proposto que cada um deles desenhasse uma situação de corrupção que pudesse ter presenciado ou que imaginasse ser uma (também poderiam desenhar cenas do próprio curta).

Houve uma outra atividade, também com os pequenos,

que foi maravilhosa: passamos um episódio de “Shaun, o carneiro”, uma animação em slow motion, da qual eles riram muito. O PET COM conversou sobre o processo de produção de um slow motion, tudo de modo que fosse facilmente compreendido. A dinâmica foi igualmente um sucesso. Propomos que eles montassem desenhos com massinha de modelar. Eles ficaram muito animados com a tarefa proposta e dedicaram-se muito na feitura deles, os sorrisos eram largos por todo o ambiente.

O segundo momento, com os maiores, também foi ótimo e gratificante para o grupo. Os curtas escolhidos para eles tratavam de assuntos mais sérios, mas com doses de bom humor. Um exemplo é o curta “A menina com cabelos de Brasil”, o qual foi uma fonte muito rica de assuntos para serem abordados no momento da discussão. Tratando-se de uma menina com cabelo em formato do mapa do Brasil que sofria bullying de suas colegas que possuíam cabelos em formato de outros países (principalmente países considerados de “primeiro mundo”), pudemos falar muito sobre a exclusão. Todos contribuíam com o tema e debatiam vivamente, expondo suas opiniões, o que foi muito animador.

A dinâmica também era diferente daquela realizada com os pequenos. Trabalhamos, por exemplo, com o processo de criação de uma estória oral, em grupo, onde a proposta era que tal estória tivesse início, meio e fim, não importando o tema. Surgiram estórias muito criativas e engraçadas, com personagens como zumbis e princesas. Dessa forma, eles ganhavam uma ideia de como acontecia o processo da criação de uma narrativa. Em outros encontros, passamos também curtas com uma temática de terror, que era a mais pedida por eles, e a dinâmica consistia em contar uma lenda já existente ou até mesmo criar uma.

No último encontro, decidimos organizar toda a produção que os pequenos fizeram e montar uma miniexposição com os desenhos e as montagens em massinha de modelar. Pequenos

e grandes tiveram um momento para falar sobre o que gostaram dos encontros e darem sugestões sobre os próximos, de modo que pudemos garantir ideias ótimas para o Cine Arte do segundo semestre, no turno inverso, à tarde. Não haveria ninguém melhor para dar sugestões do que eles mesmos. Como um agrado para os participantes, o grupo organizou um lanche especial para o último dia no projeto, do qual eles gostaram muito e se empolgaram ao conversar com os professores. Todos também ganharam um alfajor – feito pela irmã de um membro de PET Letras –, uma lembrança e um agradecimento delicioso pela participação de todos.

Os momentos passados com esses alunos foram muito importantes para nosso crescimento como seres humanos. Entrar em contato com outras histórias, sentir a alegria de ser recebido com os sorrisos e a empolgação dos pequenos, ouvir as discussões e perceber a vontade de se posicionar dos maiores... cada participante do Cine Arte teve um momento de aprendizagem. Nós, o PET Letras e o PET COM, também.

Planejar atividades, prever possíveis dificuldades e saber lidar com os imprevistos foram algumas das coisas com as quais fomos descobrindo, pouco a pouco, como lidar. Mas todos os estresses, todos os contratempos, tudo se dissipava quando estávamos lá e víamos que o que estávamos fazendo trazia alegria para o dia de cada um daqueles meninos e meninas. A experiência que esses encontros nos trouxeram nos acompanhará por toda a vida, bem como a lembrança das risadas e o carinho de todos eles.

Fotografia 3: Primeira atividade do CineArte2017,
dia 17 de abril de 2017



Fonte: Arquivo do PET.

Fotografia 4



Fonte: Arquivo do PET.

Fotografia 5: Atividade de 31 de maio de 2017



Fonte: Arquivo do PET.

Referências

DUARTE, R. **Cinema & educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO: LEITURAS LÚDICAS E CINEMA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Andresseli Paz Reis¹
Letícia Dias da Silva²

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar o projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola, desenvolvido pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Esse projeto teve início em 2014, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antônio Pão dos Pobres – localizada em um bairro carente da cidade de Santa Maria –, sendo realizado em encontros quinzenais com crianças de 10 a 13 anos. Em 2017, o projeto foi redirecionado para outra escola, a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira Pinheiro – também localizada em um bairro carente –, mas de melhor acesso para os integrantes do PET.

É importante esclarecer que o projeto tem por objetivo principal incentivar a leitura, a interpretação e a produção textual (oral e escrita), com apoio de diferentes textualidades, relacionando tais leituras com o cinema, via apresentação de vídeos de curta-metragem. O projeto articula a tríade sobre a qual funciona a universidade: ensino, pesquisa e extensão. Essas três dimensões estão inter-relacionadas, bem como proporcionam outra formação para os Grupos PET.

¹ Bolsista do grupo PET Letras UFSM, acadêmica do curso Letras Português e Literaturas - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

² Bolsista do grupo PET Letras UFSM, acadêmica do curso Letras Português e Literaturas - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

Metodologia

Esse trabalho apresenta resultados parciais das quatro edições já desenvolvidas do projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola. A metodologia de desenvolvimento das atividades consistiu no planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades. O grupo planejou as atividades que foram aplicadas durante o ano letivo na escola regular. Nas reuniões do grupo, debateu-se sobre temas e assuntos que são importantes para a formação dos alunos enquanto sujeitos críticos, preparando-os para assumirem suas responsabilidades enquanto cidadãos. Além disso, as atividades eram dinâmicas e tinham por objetivo contemplar os letramentos presentes nas mais diversas esferas sociais, principalmente o literário. Por isso, diante da diversidade de gêneros textuais presentes na sociedade, os acadêmicos buscaram compreender o contexto sócio-histórico em que vive a escola pública, já que é uma instituição que contempla os multiletramentos sociais. Dessa forma, o trabalho com apenas a esfera literária não seria adequado à realidade da escola de hoje. No projeto, contemplou-se então o trabalho com os gêneros canônicos, bem como com gêneros modernos e tecnológicos.

A tecnologia foi um instrumento imprescindível nesse trabalho, uma vez que proporcionou o contato dos alunos com textos, curtas e filmes por meio da utilização de mídias tecnológicas como, por exemplo, o computador e o data show. Os gêneros literários contos e poesias foram trabalhados no ano de 2014; os microcontos em 2015 e, com uma pequena reformulação para melhores resultados, contos de fadas, histórias em quadrinhos e fábulas em 2016. No ano de 2017, os gêneros escolhidos foram fábulas, contos e histórias em quadrinhos. Nos encontros quinzenais foi estabelecida a relação dos diversos assuntos presentes nos textos com vídeos previamente selecionados. Essas atividades proporcionaram aos acadêmicos outra percepção da escola

pública, uma vez que ela entrou no processo de uso de novos recursos tecnológicos. Tudo isso possibilita notar que a escola acompanhou as mudanças do mundo globalizado e informatizado.

Assim, desenvolveu-se um processo de ensino-aprendizagem que demandou dos futuros docentes domínio das dimensões interpessoal, técnica e sociopolítica. Dessa forma, buscou-se explorar nas dinâmicas a dimensão técnica do processo de interpretação textual de forma crítica dos alunos, bem como os seduzindo ao hábito de leitura, à produção textual e à escrita de forma criativa e autêntica. Durante o processo de ensino-aprendizagem contemplaram-se atividades de oratória e, por consequência, acabou-se aguçando o conhecimento cultural de cada um, uma vez que o material que era levado aos alunos também tinha uma contextualização histórica para auxiliá-los na compreensão.

No que se refere à dimensão interpessoal, houve trocas entre petianos e alunos, bem como na relação aluno-aluno. Na sala de aula, tanto os petianos quanto os alunos da escola interagiram de forma dialógica e recíproca. No que se refere à dimensão sociopolítica, os futuros professores desenvolveram atividades que contemplassem os mais diversos gêneros presentes na esfera social. O contato com esse projeto fez com que os petianos percebessem que a escola pública sofreu modificações estruturais à medida que a sociedade foi alterando a sua maneira de significar no mundo.

A faixa etária dos alunos participantes variou conforme o ano, ficando, em média, entre alunos de 10 e 13 anos de idade, fato que demandava adaptações do conteúdo apresentado a cada grupo. Até então, no primeiro encontro de cada ano, os petianos apresentam às crianças o que será desenvolvido e qual a missão deles para a realização de aulas que sejam diferentes, estimulantes e de grande aprendizado. Esses encontros ocorrem em turno inverso ao período de aula das crianças. A cada encontro,

tenciona-se realizar uma proposta diferente com apresentações orais do que eles produziram, apresentações teatrais, desenhos e pintura, atividades lúdicas e escrita criativa, como forma de criar um modo diferenciado de aula e aprendizagem.

No ano de 2016, foram trabalhados os seguintes gêneros: Contos de Fadas, Histórias em Quadrinhos e Fábulas. Os encontros foram quinzenais, sendo cada bimestre dedicado a cada uma dessas temáticas. No mês de novembro, por exemplo, o grupo dedicou-se à criação de um mural com as produções das crianças. Diferentemente dos anos de 2014 e 2015 em que o resultado foi um livro de contos e poesias. No ano de 2017, a ideia foi voltar a produzir um livro com as produções dos alunos.

O projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola busca provocar uma nova percepção do texto, especialmente o literário, como parte de sua formação linguístico-cultural. Dessa maneira, mostrando as nuances existentes entre o que está nos livros e o que passa nos cinemas. Além da importância dessas diferentes linguagens na formação acadêmico-social de cada um, ajudando os alunos a captarem os sentidos de maneira menos superficial. Propostas essas que o grupo buscou instigar em todos os encontros nos últimos três anos.

Esse projeto contemplou o tripé escola, universidade e pesquisa. Sendo que as investigações bibliográficas realizadas não se delimitaram apenas à área das Letras (Linguística e Literatura), mas recuperaram conteúdos referentes à área da Educação Básica, por exemplo. Desafios que proporcionaram aos petianos, portanto, outra visão e tomada de posição diante da escola regular.

Referencial teórico

A formação de docentes está diretamente articulada com a posição teórica que o professor adota diante da prática em sala de aula. Sendo assim, uma prática em sala de aula é engajar-

se politicamente.

Tal concepção teórica do processo de ensino-aprendizagem é tomada a partir de Candau (2002 p. 112), que afirma: “cada modo de ensinar responde uma proposta política de educação e sociedade”. No processo de ensino-aprendizagem, o professor passa a ter uma postura de ser político, uma vez que assume uma posição teórica e metodológica diante da prática docente.

Por isso, no projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola, os futuros docentes assumiram posições teóricas sobre as concepções de leitura, cinema e a relação entre leitura e cinema. Além disso, os petianos engajaram-se em posições teóricas sobre os objetivos do ensino de Língua Portuguesa, bem como as concepções de linguagem, objetos de sua formação profissional ampla.

Na concepção teórica e metodológica em que esta pesquisa filia-se, a língua não é só um sistema de signos linguísticos. Ela é um processo pelo qual os sujeitos interagem nas mais diversas situações sociais. A língua é dinâmica e viva, bem como está diretamente relacionada à situação social de seu uso. Por isso, nessa concepção, remete-se à língua a sua exterioridade. De acordo com Travaglia (1998, p. 23):

A terceira concepção vê a linguagem como um processo de interação. Nessa concepção o que o sujeito faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim atuar sobre o interlocutor. A linguagem é, pois o lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico ideológico.

Partindo-se dessa concepção de linguagem, o ensino de língua é visto de outra ótica. A forma como se concebeu a linguagem nesse projeto implicou numa outra posição em relação à prática da leitura. Dessa forma, ela também é conce-

bida como um processo de construção de sentidos para o qual é imprescindível a interação entre os interlocutores. Por isso, no processo da leitura o aluno não só decifrou o texto, como também interpretou os sentidos constituídos no texto enquanto uma materialidade linguístico-discursiva que produz sentidos. As aulas de leitura promoveram um processo de dinâmicas produtivas de imaginação, sensibilidade e crítica. A interação entre transmissor e receptor na leitura é constatada por Solé (2008, p. 22), como “um processo de interação entre o leitor e o texto”.

Travaglia (1998 p. 21), ao discorrer sobre a linguagem enquanto expressão do pensamento, propõe que:

[...] pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece.

Em nosso trabalho com a linguagem, modificou-se a forma de tratar a gramática, a leitura e a produção de texto, ou seja, pelo viés do processo semântico. Por isso, explorou-se em sala de aula o texto enquanto gênero e, nesse sentido, foi possível explorar o seu contexto de situação e de cultura. Nessa perspectiva, deve-se remeter o texto à sua exterioridade, bem como a um determinado gênero. Fiorin (2008, p. 6) esclarece que:

[...] todos os textos que produzimos sejam eles orais ou escritos, ou manifestados por qualquer outra linguagem, são sempre a materialização de um gênero. Assim, por exemplo, uma conversa com amigos é diferente de uma conversa com os pais, uma aula é distinta de um sermão, uma carta comercial é diversa de uma carta de amor, uma novela de época é diferente de uma novela urbana e assim por diante. Todos os textos são produzidos dentro de um gênero, todos os textos são manifestações de um gênero.

O ensino de Língua Portuguesa e de textos acompan-

nhou as mudanças sociais significativas que aconteceram no mundo de hoje. Por isso, a maneira de tratar o texto na escola modificou-se nos últimos anos. Ele não pode ser estudado como um objeto fechado nem só como forma, mas sim o texto como um objeto discursivo. De acordo com Rojo (2008, p. 26):

Do ponto de vista do ensino de Línguas, isso vai implicar a necessidade de transformação nas maneiras de tratar o texto na escola, que não encaminharia mais somente o letramento escolar-entendido enquanto ensino/domínio das formas e funções dos textos escolares, mas o trabalho com os diversos letramentos necessários ao exercício da cidadania e a vida em sociedade letrada, capaz de levar o leitor/locutor a um tratamento crítico dos textos/enunciados enquanto significação e ideologia.

A escola enquanto instituição inserida na sociedade acompanhou as mudanças sociais, econômicas e políticas. Nesse sentido, mudanças no estudo dos gêneros aconteceram, uma vez que surgiu o multiletramento. Por isso, a escola é o lugar do estudo não só dos gêneros clássicos, mas também da variedade de gêneros que circulam em diferentes esferas sociais.

Portanto, o ensino de línguas exige dos profissionais da linguagem uma postura diante das concepções teórico-metodológica de seu objeto de ensino. Essa concepção teórica traz significativas mudanças no ensino de língua, leitura e texto. Nosso projeto contemplou as posições teóricas pós-estruturalistas que deram outro direcionamento no processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

O projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola vem, desde a sua primeira edição, superando as expectativas a cada ano. A relação da Literatura, contextualizando diferentes temáticas, com o cinema faz com que as crianças instiguem sua

imaginação e criem diferentes possibilidades de interpretações, ficando livres para produção e possibilitando uma aprendizagem de forma diferente aos padrões já estigmatizados. Unem-se arte e língua e entrelaçam-se uma na outra para mostrar como todos são constituídos em conjunto. Sendo esse aspecto observado pelas produções escrita, ilustrativa e oral. Tal trabalho contribui com o desenvolvimento de habilidades próprias à formação dos acadêmicos envolvidos, por possibilitar a convivência direta com a escola e a autonomia em ministrar conteúdos, resultando no desenvolvimento crítico e educacional dos discentes participantes.

Referências

- CANDAU, Vera Maria. A revisão da didática. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Rumo a uma nova Didática**. 13. Ed. Petrópolis: Ed Vozes, 2002.
- FIORIN, José Luis. **A internet vai acabar com a Língua Portuguesa?** Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, 2008.
- ROJO, Roxane. O texto no ensino-aprendizagem de Línguas hoje: desafios da contemporaneidade. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos; FINOTTI, Helena Luiza; ROJO, Roxane (Org.). **Gêneros de texto**: caracterização e ensino. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.194 p.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação. Uma proposta para o ensino de Gramática no 1 e 2 graus**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

APÊNDICE

Fotografia 1: Alunos juntamente com o banner do projeto, em 2014 na escola Pão dos Pobres



Fonte: Arquivos PET, 2014.

Fotografia 2: Dia de atividades na escola Pão dos Pobres, 2015



Fonte: Arquivos PET, 2015.

Fotografia 3: Encerramento do projeto no ano de 2016,
na escola Pão dos Pobres



Fonte: Arquivos PET, 2016.

Fotografia 4: Alunos do projeto assistindo um filme na escola Naura Teixeira Pinheiro, 2017



Fonte: Arquivos do PET, 2017.

Fotografia 5: Alunos do projeto realizando as atividades na escola
Naura Teixeira Pinheiro, 2017



Fonte: Arquivos PET, 2017.

PROJETO "CINE CUICA": A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA MAGIA CINEMATOGRÁFICA

Ana Paula Alves Correa¹

Andressa Brenner²

Louise Cervo Spencer³

O presente capítulo tem como objetivo compartilhar experiências do projeto de extensão intitulado Cine CUICA, desenvolvido pelo grupo PET Letras - Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em parceria com a Associação CUICA, no ano de 2012, na cidade de Santa Maria/RS.

Nossas atividades visaram expandir a cultura cinematográfica, promovendo momentos que possibilitassem a formação e a transformação dos participantes do projeto, por meio de discussões e debates acerca das obras exibidas em cada sessão. Esse objetivo surgiu da necessidade de aproximarmos estudantes de escolas públicas da cidade a elementos culturais, tais como o filme e o documentário, pouco estimulados no dia a dia desses jovens em formação. A CUICA surge como uma parceira para que pudéssemos colocar em prática o que havíamos planejado. Essa associação tinha por objetivo promover a inclusão social de crianças e jovens da rede pública de ensino, realizando trabalhos de educação, cultura, artes, cidadania e inclusão social por meio do ensino da música, na cidade de Santa Maria/RS. Com isso, a partir de uma perspectiva discursiva, firmou-se a parceria com

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM e ex-petiana. E-mail: anapac@live.com

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM e ex-petiana. E-mail: andressabfernandes93@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM e ex-petiana. E-mail: loucspencer@gmail.com

o PET Letras e o Laboratório Corpus, e dessa união surgiram diversos projetos, como o Cine CUICA.

Buscamos apresentar, então, neste capítulo, o que era a Associação CUICA, o que foi o projeto, como foram pensadas e colocadas em prática as atividades, bem como o referencial teórico que embasou nossas práticas.

O que era a CUICA?

*O ronco da cuica começou no Vicente
E foi roncando, juntando gente⁴*

A CUICA (Cultura, Inclusão, Cidadania e Arte), institucionalizada em 2007, se caracterizava por ser uma associação sem fins lucrativos, a qual tinha como principal objetivo introduzir alunos da rede pública de ensino no mundo da música.

Inicialmente chamada de Associação de Percussão de Camobi, essa associação iniciou seus trabalhos junto às escolas do bairro, buscando parcerias para conseguir agir localmente, permitindo aos estudantes um maior contato com a arte e sua produção de sentidos, algo tão distante da sala de aula.

Pela voz de Zé Everton Rozzini (2012, p. 65): “o grupo de percussão foi se constituindo à medida que se estruturou em um espaço para as manifestações individuais que juntas se constituem em uma voz coletiva”. Assim, a CUICA foi se constituindo e sendo reconhecida tanto local quanto nacionalmente. Ganhou, dessa forma, destaque pelo serviço prestado à comunidade e tinha como missão promover o ser humano por meio da arte e da cultura para a prática da cidadania. Essa missão, compreendida pela comunidade do bairro Camobi, possibilitou mobilizar os moradores a ter uma melhoria na qualidade de vida através da arte.

⁴ Parte da letra da música "Agora não tem mais jeito", de autoria de Zé Everton Rozzini.

Atualmente, a CUICA não realiza mais atividades como em anos anteriores. De associação, passou a ser grupo, por conta de compromissos profissionais dos fundadores do projeto, Edu Pacheco e Zé Everton, os quais residem fora da cidade de Santa Maria.

Seu legado ainda perpetua. Muitos dos alunos que participaram das oficinas de percussão e da construção da associação vivem em meio à música até hoje. Alguns deles compõem a banda do Exército Brasileiro na cidade, colocando em prática aquilo que a CUICA proporcionou a eles.

O que foi o Projeto *Cine Cuica*?

Durante as reuniões do nosso grupo PET, no ano de 2012, sentimos a necessidade de nos aproximarmos da realidade fora dos bancos universitários, nos quais os bolsistas e participantes do grupo há muito estavam acomodados. A partir dessa insatisfação e da necessidade de ação, resolvemos propor uma oficina de extensão, que tinha o objetivo de possibilitar um diálogo com a comunidade, propiciando aos alunos de escolas públicas, seus familiares, acadêmicos, entre outros, um espaço de discussões, reflexões e trocas de conhecimentos sobre a cultura cinematográfica e tudo o que ela pode proporcionar.

Compreendendo a realidade difícil que assola nossa sociedade atualmente, pensamos em propiciar à comunidade momentos de lazer aliados a debates e discussões, que permitissem aproximar a formação cidadã da magia cinematográfica. Assim como pensamos, também, em permitir que pais/responsáveis e filhos participassem de atividades conjuntamente, com diversão e aprendizagem.

Como objetivo geral, nosso projeto pretendia ampliar o contato de crianças da rede pública de ensino com elementos culturais que ajudam a compor o caráter cidadão, envoltos, também, pelo contato com a comunidade acadêmica da UFSM,

a qual levaria motivação a alunos que, por vezes, não possuem condições de ter acesso à cultura ou condições dignas para o aprendizado; assim como objetivamos trabalhar com a arte – produções cinematográficas – pensando na produção de sentidos.

Como objetivos específicos, pensamos em oferecer aos estudantes da rede pública momentos de reflexão mediante a exibição de filmes e documentários que retratassem situações vividas por muitos deles ou por pessoas que conhecem. Também entendíamos que, ao propor esses espaços de reflexão, estariámos auxiliando na formação do senso crítico de todos os envolvidos, promovendo a inclusão da comunidade ao expor seus direitos, e disseminando esses conhecimentos para a população de um modo geral. Quanto aos integrantes do grupo PET, entendíamos que essa atividade auxiliaria no processo de formação docente, visto que os acadêmicos envolvidos cursavam licenciatura durante o desenvolvimento do projeto.

Assim, pensamos que as oficinas podiam partir da exibição de filmes e que, posteriormente, pudessem ser realizadas discussões sobre eles juntamente com professores e especialistas convidados. Então, à medida que fomos nos organizando para colocarmos o projeto do Cine Cuica em prática, fomos realizando um levantamento de quais filmes teriam temáticas interessantes ao público, bem como quais seriam os convidados para esta reflexão posterior. Para tanto, nos baseamos no referencial teórico apresentado a seguir, para nos guiarmos quanto às escolhas para as atividades. Sempre pensando nos filmes e documentários enquanto lugar de sentidos.

Referencial Teórico

As produções cinematográficas, que fizeram parte das atividades do Cine CUICA, abordavam temáticas inerentes à vida em sociedade, à formação da cidadania, à relação entre di-

ferentes sujeitos etc. E através do trabalho com essas produções pudemos lançar questionamentos que visavam reflexões a respeito da produção dos sentidos.

Para tanto, essas atividades estavam ancoradas na perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso, estruturada por Michel Pêcheux, na França, e por Eni Orlandi, no Brasil. A Análise de Discurso, como nos diz Pêcheux ([1984] 1999), é uma disciplina de interpretação. Contudo, tal disciplina “não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” (PÊCHEUX, [1984] 1999, p.78)

Importante ressaltar que o objeto da Análise de Discurso é, como seu nome indica, o discurso, o qual é definido por Pêcheux ([1969] 1993) como efeito de sentidos entre os pontos A e B. E por Orlandi (2008), que relê Pêcheux, como efeito de sentidos entre locutores. Nas palavras de Orlandi: “o discurso é o lugar de observação e contato entre língua e ideologia, sendo a materialidade específica da ideologia o discurso e a materialidade específica do discurso a língua” (ORLANDI, 2008, p. 86-87). A partir dessas considerações, introduzimos a questão do texto para essa perspectiva, o qual é considerado como o lugar material onde essa relação, ideologia/discurso/língua/discurso, produz efeitos de sentido (ORLANDI, 2008).

Abordamos essas noções, pois levamos em consideração as produções cinematográficas enquanto textos, ou seja, enquanto lugar de produção de efeito de sentidos. E, partindo da Análise de Discurso, buscamos pensar na explicitação da produção desses efeitos nos filmes e documentários, mostrando os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade. Isto é, consideramos o texto não mais uma unidade fechada nela mesma (ORLANDI, 2008), mas aberto para diferentes possibilidades de leitura, as quais, por sua vez, mostram o processo de textualização do discurso.

A partir de tais proposições, para pensarmos na questão do sentido, faz-se importante ressaltarmos também que, para a Análise de Discurso, todo indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e dotado de inconsciente (PÊCHEUX, 1997), tendo ideologia e inconsciente como caráter comum:

[...] dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito [...]” [...] essa evidência de existência espontânea do sujeito [...] é imediatamente aproximada [...] de uma outra evidência, [...] a evidência de sentido (PÊCHEUX, 1997, p. 152-153, grifos do autor).

Para essa disciplina, a ideologia, portanto, sustenta a produção das evidências: do sujeito e do sentido. A evidência do sujeito apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Por sua vez, a evidência do sentido apaga o seu caráter material, levando o sujeito a crer na transparência da linguagem. O que significa que, ao trabalharmos com as produções cinematográficas, consideramos que os responsáveis por tais (os sujeitos produtores) têm a ilusão de que a seleção que fizeram, respectiva à montagem, de dizeres e imagens, está sendo apresentada/mostrada/exibida pela primeira vez, não tendo consciência de que essa seleção retoma saberes referentes a dizeres e a imagens já-ditos/apresentados/mostrados/exibidos em outro lugar. Nessa perspectiva, retomemos o que postula Almeida (2016, p. 158) em relação ao cinema:

O cinema se dá como constituição de um mundo imaginário que vem transformar-se no lugar por excelência de manifestação dos desejos, sonhos e mitos do homem [...]. Assim, a identificação constitui a alma do cinema na medida em que materializa aquilo que a vida real não pode satisfazer. O cinema, portanto, é o antropomorfo ideal, ou seja, aquilo que, apesar de não ser humano, parece carregar em si nossas características mais ontológicas, como se fosse um de nós,

contudo ampliado, melhorado, com mais ação, aventuras e finais felizes.

Por conseguinte, determinados efeitos da ideologia contribuem para que a constituição desse “mundo imaginário”, a partir de mecanismos cinematográficos, crie a ilusão de aparecimento de apenas um sentido tanto nos filmes quanto nos documentários. Essas ilusões estão ligadas ao que Pêcheux e Fuchs ([1975] 1993, p. 176-177) denominam de esquecimentos. O esquecimento nº 1 refere-se ao fato de que o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer, esquecendo que todo dizer está ancorado no “já-dito”. E o esquecimento nº 2 refere-se ao fato de que o sujeito tem a ilusão de que sabe o que diz e de que pode controlar os sentidos. Dessa maneira, sob o efeito dessas ilusões, nos filmes e documentários, os sujeitos produtores acreditam que o que apresentam/mostram/exibem é “originalmente seu”, não se dando conta de que representam uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva.

Pêcheux (1997, p. 160) chama de formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”, o que pode e deve ser mostrado. Isso equivale a dizer que o dizer, o que estendemos às imagens, recebe seu sentido da formação discursiva na qual é produzido. Isto é, a formação discursiva apresenta-se então como lugar da constituição do sentido; o sujeito, interpelado pela ideologia e dotado de inconsciente, se inscreve em uma formação discursiva assumindo determinada posição-sujeito – o dizer e as imagens mudam de sentido dependendo da posição assumida por aquele que os emprega.

Desse modo, entendemos que o sentido, para a Análise de Discurso, não existe em si, mas é determinado por formações discursivas. Dito de outra forma, é determinado pelas formações ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que o dizer e as imagens são produzidos. Ancorados nessa pers-

pectiva, concebemos que não há um-sentido, na medida que esse sempre pode ser outro, a partir da formação discursiva em que o sujeito está inserido.

Arte, Cinema, Imagem: um retrato

“O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho” (Orson Welles).

Cada produção cinematográfica exibida no Cine CUI-CA representava um “retrato da realidade”, um gesto de interpretação sobre a realidade. E é a partir de tal gesto que se busca interpelar o sujeito, fazendo com que ele se identifique e produza sentidos sobre o que lhe está sendo apresentado/mostrado/exibido. No cinema, a câmera direciona e antecipa os movimentos e os olhares para aquilo que se quer dar enfoque:

No filme, os sons do mundo são manipulados e instrumentalizados segundo uma necessidade discursiva hermética. Assim, enquanto cria uma poderosa identificação do sujeito espectador com o microcosmo “além-tela”, assujeita o olhar do espectador e o conduz a pensar exatamente o que a câmera escolhe olhar e de que forma olha e escuta (ALMEIDA, 2016, p. 161).

Desse modo, além de uma temática que carrega memória e história, o filme traz imagens, constituídas por um discurso, que remontam às condições de produção em que estão inseridos os sujeitos e que são construídas socialmente. Cabe destacarmos como Pêcheux (1993) concebe a imagem, para tanto, retomamos suas considerações em Papel da Memória, obra em que aborda a relação da imagem com a memória. Conforme Pêcheux (1999b), a negociação entre o choque de um acontecimento singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia colocar em jogo uma passagem do visível ao nomeado, em que a imagem se-

ria um operador da memória social, comportando, no interior dela mesma, um programa de leitura. No entanto, para o autor, embora a imagem compreenda um programa de leitura não se apresenta como transparente; e essa não transparência é o que faz com que a Análise de Discurso se distancie das evidências das proposições e interroguem os efeitos materiais de montagens. Para Pêcheux (1999b, p. 55-56):

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravesse e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) [...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas, e contra-discursos.

Entendemos que a relação entre imagem e memória apresenta a imagem como uma materialidade discursiva que é suscetível ao significar, as imagens funcionam e significam pela memória, a qual é sujeita a deslocamentos que reorganizam os sentidos. A memória posta em questão, a discursiva, faz parte de um processo histórico, de uma disputa de interpretações. A memória discursiva é lugar onde irrompem as transformações advindas do processo discursivo da interpretação, de modo que, como resultado desse processo, ocorre a predominância de tais interpretações e um, às vezes, esquecimento das demais. Isto é, há uma memória que emerge a partir dos processos discursivos, a qual corresponde também a um determinado processo histórico. A imagem, assim sendo, atualiza a memória discursiva – constituída por esquecimentos.

Dessa maneira, se podemos pensar em memória, em

seu aspecto discursivo, considerando-a em/por esquecimentos, podemos colocar que ela é igualmente feita de silêncios e de silenciamentos. Em uma imagem, portanto, temos trabalhado o silêncio. Para Orlandi (2007, p. 24), há dois tipos de silêncio. O silêncio fundador e o silêncio político (ou política do silêncio). O primeiro é “aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar”. O segundo pode apresentar-se sob a forma de silêncio constitutivo ou sob a forma de silêncio local (censura). No silêncio constitutivo, “para dizer é preciso não-dizer” (ORLANDI, 2007, p. 24). O sujeito diz X para não dizer Y. No silêncio local (censura), “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2007, p. 24), há a proibição de inserção do sujeito em certas formações discursivas, e, por consequência, uma proibição do sujeito em ocupar um dado posicionamento que escape à ideologia dominante. A partir disso, afirmamos que há, no processo do significar, um movimento entre o silêncio e o dizer e entre o silêncio e imagem.

Sabemos que, nos filmes, existe, mesmo que dissimulado, um direcionamento de dizeres, imagens, enquadramentos, em detrimento de outros. Como já afirmamos anteriormente, através desse enquadramento, desse gesto, se busca “controlar” os sentidos produzidos a partir de cada cena. Assim, “[...] é justamente essa “transparência” que faz parecer que a origem daqueles sentidos é o próprio sujeito, que aqueles dizeres foram captados e compreendidos tal como foram justamente porque o sujeito parece ser a causa de si mesmo” (ALMEIDA, 2016, p. 163).

Nas atividades com as produções cinematográficas, para o trabalho de compreensão da produção dos sentidos, levamos em consideração que o dizer e as imagens não são transparentes, não são evidentes. Há movimentos de sentidos tecidos conforme uma memória relacionada ao já-dito, já-mostrado; memória feita de sentidos silenciados: diz-se de uma forma, mostra-se de uma

forma, para silenciar outras formas de dizer, de mostrar.

A exibição das produções cinematográficas seguida pelo espaço de debate a partir da problemática exposta, faz com que, pelo interdiscurso⁵, sentidos sejam retomados pelo sujeito. Além da retomada, através da discussão e reflexão, é possível o deslize desses sentidos. A relação de diálogo com o outro, estabelecida a partir do projeto, faz com que os sujeitos participantes possam aproximar a memória discursiva, o já-dito, já-mostrado, da atualidade, da sua realidade.

Os filmes e seus legados

Buscando promover um espaço de debates, a fim de possibilitar formação e transformação cidadã dos participantes das atividades, e sempre pensando na produção de sentidos, escolhemos quatro filmes para o ano de 2012, que foram exibidos a partir do mês de setembro até dezembro do mesmo ano. Todas as obras em destaque trouxeram preceitos da formação da cidadania, retrataram a importância dos valores humanos e das relações estabelecidas entre sujeitos diferentes, bem como propiciaram um momento de reflexão sobre as práticas sociais em discussão na contemporaneidade.

A partir deste intuito, o primeiro filme exibido foi Coach Carter - Treino para a vida, de Thomas Carter, tendo como debatedora a Prof^a Dr^a Verli Petri (UFSM) e contando com a presença do Pró-Reitor de Extensão da época, Prof. Dr. João Rodolpho Flores, bem como do coordenador da Associação CUICA, Zé Everton Rozzini. Esse filme foi muito bem recebido pelos espectadores, uma vez que se envolveram com a lição de vida emocionante tratada na obra.

⁵ Pêcheux (1997, p. 162) comprehende interdiscurso como "todo complexo com dominante das formações discursivas [...] submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas". Nesse todo complexo, temos saberes discursivos que emergem de acordo com certa determinação ideológica.

Fotografia 1: Primeira sessão do Projeto Cine CUICA



Fonte: Arquivo PET Letras.

A segunda sessão trouxe o filme *A última música*, de Julie Robinson, e contou com a participação da Prof^a Dr^a Cláudia Deltrégia (UFSM). Já a terceira exibição apresentou o filme *Desafiando Gigantes*, de Alex Kendrick, em que tivemos a presença de alguns integrantes do Soldiers, time de Futebol Americano de Santa Maria. Nesse último, os participantes do projeto ficaram tão entusiasmados com a participação dos jogadores que resolveram buscar uma vaga no time nos dias que se sucederam.

Fotografia 2: Terceira sessão do Projeto Cine CUICA



Fonte: Arquivo PET Letras.

A última sessão ocorreu no dia 11 de dezembro de 2012, com a exibição do filme *O som do coração*, de Kristen Sheridan, que ocorreu ao ar livre, em frente à sede da Cuica, com direito à pipoca para fechar com chave de ouro as atividades daquele ano. Esse filme, em especial, foi escolhido pela temática da persistência de um menino que, apaixonado pela música, sempre esteve otimista em relação aos seus sonhos. Essa história em muito se parece com os dos participantes da Associação Cuica, que viram na música uma possibilidade de se ter uma vida diferente e especial.

Fotografia 3: Encerramento das atividades do Cine Cuica 2012



Fonte: Arquivo PET Letras.

A sessão de encerramento contou com a presença do vice-reitor da Universidade Federal de Santa Maria em exercício na época, Prof. Dr. Dalvan Reinert, do Pró-Reitor de Extensão da UFSM, Prof. Dr. João Rodolpho Flores, da Coordenadora do Laboratório Corpus, Prof^a. Dr. Amanda Scherer, da então tutora do PET Letras, Prof^a. Dr. Verli Petri, e da comunidade de Cambori, incluindo amigos, vizinhos da CUICA, professores e acadêmicos da UFSM, totalizando mais de 200 pessoas, as quais tiveram o prazer de se emocionar através da música e da cultura cinematográfica.

Fotografia 4: Encerramento das atividades do Cine Cuica 2012



Fonte: arquivo PET Letras.

As atividades desse Projeto seguiram pelo ano de 2013, contemplando o sucesso do ano anterior. Um dos filmes exibidos na sequência foi Narradores de Javé, de Eliane Caffé, o qual trazia a questão da importância da escrita para a não destruição do vilarejo de Javé, bem como da identidade dos que ali viviam. Comentaremos especialmente essa produção, visto que foi uma das últimas a ser trabalhada com os participantes. Em Narradores de Javé, temos a história do vilarejo de Javé que está prestes a ser inundado pela construção de uma hidrelétrica. Os moradores, então, para impedir a construção, resolvem transformar suas histórias, vivenciadas nesse vilarejo, em livro, de modo a transformar Javé em um patrimônio histórico e ser preservado. Para isso, escolhem Antônio Biá, o único morador alfabetizado do povoado, para escrever o livro, o que Biá, contudo, não o faz. A hidrelétrica é, dessa forma, construída e Javé inundado pelas águas.

Buscamos, a partir desse filme, trabalhar com a importância da escrita para o manter de uma memória, de um espaço, de um grupo social. A importância do saber escrever para se inserir em um lugar social não invisível, “não destrutível”. São saberes que ressoam dos dizeres e das imagens, que compõe a produção, que nos possibilitaram, assim, problematizar a questão da democratização da educação para o poder ter um lugar na sociedade e o poder ter uma identidade preservada. Uma memória ecoando; uma memória não coberta pelas águas.

Considerações finais

Concluímos salientando que o público abarcado nas atividades, as quais propusemos nesse projeto de extensão, esteve efetivamente envolvido, expondo suas opiniões e refletindo sobre os assuntos que foram tratados após cada sessão de filme. Entende-se que isso ocorreu devido à maneira como foi trabalhada cada exibição e às temáticas que cada uma trazia, pois giravam em torno de sentimentos e práticas que dizem respeito ao dia a dia de cada envolvido no projeto. Os questionamentos levantados nas discussões fazem parte do meio não só dos integrantes e ex-integrantes da Associação CUICA e seus familiares, mas também da comunidade de Camobi lá presente, bem como dos alunos da graduação em Letras e seus professores, os quais também puderam desfrutar de momentos de lazer e de construção de conhecimento – questionando sentidos.

Desse modo, considerando o sujeito e sua realidade, possibilitando com que ele, por meio do trabalho desenvolvido a partir do cine, possa compreender, interpretar, desestabilizar sentidos, temos refletido aquilo que a Análise de Discurso se propõe a entender, isto é, a linguagem e “a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2003, p. 15). Por fim, acreditamos que, através deste projeto e das dis-

cussões realizadas após cada sessão, houve não só um enriquecimento cultural dos envolvidos, como também o auxílio na formação, na transformação cidadã e na motivação do senso crítico dos participantes.

Referências

- ALMEIDA, João Flávio. de ; GARCIA, D. A. ; SOUSA, L. M. A. E. ; PRANDI, M. B. R. . **Por trás das câmeras:** a decupagem cinematográfica como inscrição discursiva. Discursos Fotográficos, v. 12, p. 147-172, 2016.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- _____. **Discurso e Texto:** Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- _____. **As formas do silêncio.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- _____. **Discurso em Análise:** Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A Propósito de uma Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethânia S. Mariani et al. 2. Ed. Campinas, SP: Unicamp, [1969] 1993.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethânia S. Mariani et al. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, [1969] 1993.
- _____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, [1975] 1997.

_____. **Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso.** Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), [1984] 1999.

_____. Papel da Memória. In. ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da Memória. Tradução e introdução.** José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, [1983] 1999b.

ROZZINI, José Everton Silva. **Educação Musical na CUICA:** Per-
cussões e repercussões de um projeto social. 2012. 171 p. Dissertação
de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educa-
ção, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2012.

PARTE 02

Histórias

relatos de
experiências



CUICANDO PALAVRAS: CONSTRUINDO SENTIDOS, CONSTITUINDO SUJEITOS

Camilla Baldicera Biazus¹

Como tudo começou

Quando recebi o convite para fazer parte deste livro, que tem como propósito conservar as memórias e divulgar o PET Letras, logo pensei: “preciso contar um pouco da minha história, como tudo começou, em que ponto da minha vida tive o privilégio de me encontrar e fazer parte do PET Letras”. Sendo assim, narro aqui um pouquinho dessa história e do muito que ela me acrescentou. Sou formada em Psicologia, mas, no final do ano de 2011, fui tomada pelo desejo de realizar um doutorado na área das Letras, desejo esse que hoje percebo que há muito me constituía. Esse desejo encontrou um lugar seguro e fértil para se desenvolver, primeiro com a presença da professora Verli Petri e, segundo, pela vivacidade e comprometimento do grupo PET. Minha proposta de pesquisa era pensar a escrita enquanto espaço de subjetivação, contudo não sabia ao certo como movimentá-la, a partir de que lugar, de que sujeitos. Nesse ínterim, fui então apresentada, pela professora Verli, à Associação Cuica, um espaço social que desenvolve atividades culturais e musicais com jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social no bairro Camobi, na cidade de Santa Maria (RS), e onde o PET Letras já desenvolvia alguns projetos e atividades. A partir desse encontro, surgiu a oportunidade da realização de um trabalho no espaço-Cuica, trabalho esse que, por sua peculiaridade, envolve-

¹ Psicóloga (Unifra), Mestre em Psicologia Clínica (Unisinos), Doutora em Letras (UFSM) e professora do Curso de Psicologia da URI-Campus Santiago.

ria necessariamente a música, a palavra cantada. Mas e a escrita, onde ficava? Bom, e o que seria a escrita senão um convite às palavras para dançar? Uma dança das mãos? E, para isso, quem melhor do que aqueles que fazem música para movimentar as palavras?

Eis que então a ideia nasceu: analisar a escrita enquanto processo de subjetivação a partir de um trabalho com jovens que faziam parte da Associação Cuica. Esse projeto ganhou o nome de Cuicando Palavras e teve a participação de cinco alunos que, na época, faziam parte do PET Letras e que demonstraram também desejo de participar dessa ideia: Guilherme Bizzi Guerra, Pricilla Marchiori Mello, Samla Borges, Ana Correa e Thainara Petri Rodrigues.

O projeto teve duração de um semestre e me possibilitou não só conhecimento e o desenvolvimento da minha tese de doutorado, mas também a construção de uma relação afetiva e de uma parceria que se estendeu para além do espaço e das exigências acadêmicas. Integrar o PET Letras me fez compreender que o conhecimento está para além da teoria e que só é possível movimentá-lo a partir do coletivo. Sendo assim, seria impossível falar sobre o Cuicando Palavras sem antes falar sobre as relações que possibilitaram o nascimento e desenvolvimento desse projeto.

A Cuica

*Agora não tem mais jeito!
Alô comunidade estamos aí
Eu sou CUICA venho lá de Camobi
Cultura e Arte que faz feliz
Inclusão cidadania explode o coração²*

² ROZZINI, J. E. S. Educação Musical na Cuica: percussões e repercussões de um projeto social. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2012.

A Cuica é uma organização não-governamental fundada, no dia 20 de outubro de 2007, por José Everton Rozzini – músico e idealizador. O termo Cuica representa as iniciais das palavras: Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes – alicerces básicos das atividades ali desenvolvidas. Essa associação atendia estudantes das escolas públicas do bairro Camobi, na cidade de Santa Maria (RS), e tem como um dos seus principais objetivos promover a inclusão social através do pensamento e da atividade artística (LIMA; SCHAEDLER, 2011). O objetivo principal desse projeto é utilizar a música como ferramenta de ação com crianças e jovens atingidos pela desigualdade social, pertencentes às “camadas populares” de Santa Maria. Sendo assim, a associação Cuica desenvolve oficinas de música, tais como: percussão, canto coral, violão e acordeom. Além desses trabalhos, a Cuica desenvolve também uma oficina de construção de instrumentos musicais, estimulando e alimentando a criatividade dos jovens seja através das músicas ou dos instrumentos criados por eles.

Além da ação pedagógico musical, o grupo também funciona como uma estratégia de comunicação para dar visibilidade ao projeto e, ao mesmo tempo, possibilitar que os jovens artistas, desde cedo, tenham a oportunidade de tocar em público, muitas vezes tendo que viajar para outras cidades. De acordo com Rozzini (2012), o ensino da música é apenas um dos objetivos alcançados pela Cuica, uma vez que o fato desses jovens estarem convivendo coletivamente possibilita a construção de um sentimento de pertencimento e identificação com o grupo, produzindo marcas na singularidade desses “sujeitos-Cuica”³.

A Cuica já teve uma série de reconhecimentos em função do trabalho que vem desenvolvendo: “o canal Futura divulgou a iniciativa para todo o país, o SESC/RS reconheceu como

³ Utilizo tal terminologia por entender que, uma vez inseridos no projeto, os sujeitos constituem-se de outra forma, desta vez marcados pelo projeto social que os constitui como moradores de Camobi, pertencentes a um lugar próprio e o orgulho por ser parte disto.

“Projeto Solidário”, a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) como reconhecimento à iniciativa na área educacional proporcionou espaços para Cuica em seus eventos” (ROZZINI, 2012, p. 83). Além disso, a Cuica já realizou mais de 340 apresentações em diferentes contextos sociais, permitindo aos seus integrantes sair da comunidade para mostrar o seu trabalho. A autonomia é um dos aspectos estimulados pela Cuica. Acreditar na capacidade dos jovens, investir no seu potencial, possibilitar um espaço para o desenvolvimento da autoestima, criatividade e da identidade de cada um faz parte das atividades realizadas dentro desta associação, que também contempla em suas atividades a oportunidade de alguns dos participantes que já estão há mais tempo no projeto assumirem a função de oficineiros, assumindo assim a responsabilidade de “ensinar música”.

É preciso destacar aqui a história da Cuica com o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mais precisamente com o “Laboratório Corpus”, o “Conexão de Saberes” e o “Grupo PET”. Foi a partir dessa história já iniciada e dessa relação já construída que foi possível pensar no Projeto “Cuicando Palavras” e na possibilidade de se desenvolver uma pesquisa de doutoramento naquele contexto. O Laboratório Corpus é vinculado ao Curso de Pós-Graduação em Letras da UFSM, desenvolvendo projetos e atividades nas áreas da Linguística e Literatura e congregando pesquisadores, acadêmicos da graduação e pós-graduação, bolsistas e colaboradores. O Grupo Pet Letras (Programa de Educação Tutorial) está vinculado ao Laboratório Corpus no trabalho de ensino, pesquisa e extensão desde que foi fundado, em 1999.

O ano de 2010 foi marcado pela participação do Laboratório no Programa Conexões de Saberes (do Ministério da Educação), coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão da UFSM. Dessa participação é que surgiu a ideia de submissão de projeto próprio ao Edital PET-Conexões de Saberes, o que hoje é uma realidade.

Nesse sentido, o Laboratório já desenvolvia atividades na Cuica, que acabaram se ampliando com a participação do Grupo PET, tendo como um dos seus últimos projetos na instituição o Cine-Cuica, que representava uma possibilidade de conexão entre a universidade e a comunidade local, onde eram feitas “sessões de cinema” e, após, realizadas rodas de conversa com diferentes atores sociais (professores, alunos, pessoas da comunidade, músicos etc.). Foi a partir desse trajeto já iniciado que o Projeto “Cuicando Palavras” nasceu e se tornou uma realidade.

Cuicando Palavras

O projeto “Cuicando palavras” foi desenvolvido na Associação Cuica e contou com a participação de 11 jovens que frequentaram as oficinas, desenvolvidas uma vez por semana, com duração de uma hora e meia aproximadamente. O projeto foi acompanhado de perto por cinco bolsistas de iniciação científica (petianos de Letras), por mim e pela professora Verli Petri e foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2012.

Esse projeto teve como ponto de partida propor a orientação-acompanhamento na elaboração de um dicionário por jovens da Associação Cuíca. Nesse sentido, realizaram-se oficinas de escrita com o intuito de auxiliar o processo de construção de verbetes a partir de atividades lúdicas e simbólicas, buscarando explorar a criatividade dos sujeitos e colocar em jogo o processo de produção dos sentidos a partir da escrita. O material produzido pelos jovens serviu de base para reflexão acerca dos conceitos de autoria, interpretação, historicidade e memória, trabalhados por Eni Orlandi (2012) e que, por sua vez, sustentaram a construção da tese de doutoramento “Dicionário Compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade” (BIAZUS, 2015).

Nessas oficinas, foram desenvolvidas atividades para que os jovens pensassem acerca do que vem a ser um dicionário

e como funciona esse instrumento linguístico, o que são verbetes e como se dá a construção de definições e sentidos para as palavras. O objetivo inicial era que os jovens pudessem experienciar os dicionários ocupando uma posição questionadora frente a eles, na medida em que se dessem por conta de que esse instrumento linguístico pode ser construído de diversas maneiras, compreendendo diferentes temáticas (dicionário de Língua Portuguesa, dicionário de música, dicionário de lugares imaginários, dicionário do gaúcho etc.) e que não é responsável por conter todos os sentidos e todas as palavras que fazem parte da nossa realidade. Assim, promove-se uma ruptura no saber escolar desses sujeitos, de onde advém o conhecimento acerca do que é um dicionário, relacionando-o basicamente a um instrumento responsável por “garantir” a ortografia correta, a língua-dura e o controle sobre os sentidos.

O desenvolvimento das oficinas no Projeto “Cuicando Palavras” se deu a partir de atividades realizadas em conjunto com os jovens e tiveram como objetivo fazer com que esses sujeitos experienciassem suas vivências na Cuica em primeira pessoa, reconhecendo a possibilidade de criar sentidos e de assumir uma posição-autor diante daquilo que faziam e pensavam. Dentre as diversas atividades realizadas, cito aqui algumas como forma de ilustrar um pouquinho do processo que vivenciamos nesse projeto:

- O grupo foi convidado a assistir ao vídeo da música “As razões do boca braba” e, a seguir, foi dividido em duplas. Cada dupla teve que pensar quais os sentidos das palavras: “macho”, “boca braba” e “boca pra nada”. Depois, cada dupla escolheu um dicionário e buscou essas palavras, vendo se elas existiam ali, se havia semelhanças e/ou diferenças. Após isso, o espaço foi aberto para que as duplas apresentassem suas definições e dissessem o que encontraram ou não nos dicionários;

- Diferentes tipos de dicionários foram levados até os participantes, para que pudessem explorar e visualizar a diversi-

dade de temas e formatos que esse instrumento pode abranger. A partir disso, cada dupla teve que pensar também numa palavra que fizesse parte do seu dia a dia e então procurar o sentido dela nos dicionários, para ver se vinha ao encontro do sentido que acreditavam ter. Caso a palavra não existisse no dicionário, pedíamos que eles a definissem;

- Em outro momento, foi pedido que os participantes construíssem uma história pessoal, escrevendo um pouco sobre si mesmos, seus sonhos, suas preferências musicais e instrumentais, a escola onde estudavam, sua família, enfim o que mais quisessem que os outros soubessem sobre si mesmo;

- Foi apresentado também o vídeo “Sentimentário”, para que, a partir dele, os participantes pudessem começar a pensar como iria ser o seu dicionário e que palavras gostariam que ali estivessem. Assim, foi dado início ao processo de escolha das palavras. Cada integrante teve que pensar e elencar as palavras que gostaria que tivessem contidas no seu dicionário, para depois defini-las.

Como referido anteriormente, as atividades realizadas ao longo desse segundo semestre de 2012 tiveram como objetivo possibilitar aos jovens a construção/criação de um “dicionário compartilhado” que, segundo Biazus (2015), constitui-se enquanto uma experiência sensível, marcada por uma emancipação estética, que permite ao sujeito ir além no seu estado de dominação, restituindo o caráter ativo do seu pensamento e sensível do seu corpo. É através da emancipação estética que o sujeito consegue descobrir novas formas de relação com a vida e com a sensibilidade. O dicionário compartilhado, criado pelos sujeitos da/nas Cuica, possibilitou, portanto, uma experiência de emancipação não só do sujeito, mas também daquilo que entendemos como dicionário. Assim, percebe-se estar diante de uma expressão artística, em primeira instância, e não de um instrumento linguístico. O dicionário compartilhado refere-se a um dicionário emancipado, que vai além das palavras e dos seus sen-

tidos possíveis, que busca registrar o traço, aquilo que marca e é marcado no/pelo sujeito: o traço da letra, do desenho, da música, do som, da memória e do desejo. O dicionário compartilhado expande a noção de escrita para além das palavras, constituindo-se no seu próprio ato de feitura, ao movimentar a história no sujeito e o sujeito na história. O rigor necessário para a construção do instrumento linguístico é substituído pela experiência/vivência/urgência de uma emancipação na/pela escrita.

Devido ao limite de páginas do texto, não será possível mostrar o processo de construção do dicionário compartilhado, os verbetes criados, as produções realizadas pelos sujeitos-cuica no decorrer dos encontros, mas torna-se importante destacar que cada atividade buscou desestabilizar os sujeitos de suas posições-comuns, possibilitando, ao longo dessas vivências, rupturas com os sentidos já estabilizados, cansados, repetitivos. Não é fácil e não foi fácil fazer com que os sujeitos questionassem aquilo que denominavam e entediam enquanto verdades, certezas, saberes absolutos, escolarizados, (im)possíveis de serem questionados. Diante da ideia de que poderiam ser autores, de que poderiam mexer e desestabilizar palavras e sentidos, de que poderiam criar um dicionário, era possível perceber que esses sujeitos ficavam paralisados e, ao mesmo tempo, com um certo medo, com relativa desconfiança de que essa experiência imprevista pudesse ser possível; mas, sim, havia um desejo de ocupar esse lugar. Diante disso, não era possível fazê-los sentar e escrever, construir verbetes; era preciso mais, era preciso fazê-los vivenciar a possibilidade de brincar com os sentidos, de se subjetivar a partir da escritura, das palavras.

Assim, optei por mostrar e analisar aqui o primeiro momento que deu início ao projeto “Cuicando Palavras”, no qual o grupo de jovens foi desafiado a participar de uma brincadeira que funcionou da seguinte forma: os jovens formaram grupos de 5 pessoas (totalizando 5 grupos), em que cada grupo recebeu o nome de um filme conhecido. A proposta foi que cada grupo mu-

dasse pelo menos uma palavra do título do filme por outra que quisesse e que fizesse parte do cotidiano deles na Associação Cuica. Depois, cada grupo explicou qual o “novo” sentido que o filme ganhou com a troca de palavra. É importante destacar aqui que desses 25 participantes iniciais, 13 demonstraram interesse e disponibilidade em participar do projeto, mas, ao longo do processo, o grupo frequentemente contou com a presença de 11 jovens.

Apresento, na sequência (tabela 1), a produção referente à primeira atividade:

Tabela 1: Síntese das produções realizadas na primeira atividade

Grupo	Títulos originais	Títulos novos	Novos sentidos
Grupo 1	O quarteto fantástico	A fantástica Cuica	Ensina música, “tira” da rua, faz pensar num futuro.
Grupo 2	A fantástica fábrica de chocolate	A fantástica fábrica de percussão	Constrói instrumentos, desenvolve a responsabilidade e desperta emoção, alegria, prazer.
Grupo 3	O incrível Hulk	O incrível lanche do Blade	Não tem lanche igual ao do A., o Blade faz o melhor café.
Grupo 4	O senhor dos anéis	O senhor dos tambores	Todos aqui querem ser que nem o R. e o G.
Grupo 5	Velozes e Furiosos	Percussionistas Furiosos	A gente quer ser furioso naquilo que faz, na música.

Fonte: Arquivo pessoal.

O “Grupo 1” ficou com a tarefa de modificar o nome do filme “O quarteto fantástico” e acabou por substituir a palavra “quarteto” por “Cuica”. É interessante pensar que esse filme diz da história de quatro tripulantes de uma nave espacial que acabam sofrendo modificações no seu organismo de forma a ganharem poderes especiais: um passa a ter a capacidade de esticar o seu corpo feito borracha, outro consegue ficar invisível, outro pode aumentar o calor do seu corpo, enquanto o último deles tem seu corpo transformado em pedra e ganha uma força sobre-humana. Contudo, a nova condição de super-heróis des-

ses tripulantes exige que, ao retornarem para terra, se adaptem a essa nova condição de ser. Pensa-se aqui que a substituição da palavra “quarteto” por “Cuica” confere à condição de super-heróis não somente a quatro pessoas, como no filme, mas ao grupo Cuica como um todo, à sua estrutura e o que a compõe. O termo “fantástica” permanece fazendo referência àquilo que é da ordem da imaginação, da invenção, do extraordinário, do sobrenatural, do que poderíamos chamar de “poderes especiais”. E os “poderes especiais” da Cuica dizem respeito ao ensinar música, tirar da rua, fazer pensar num futuro. A Cuica se torna fantástica, pois permite a esses jovens uma outra forma de ser sujeito.

No “Grupo 2”, o filme “A fantástica fábrica de chocolate” desloca-se para se tornar “A fantástica fábrica de percussão”. Na história original, cinco crianças são premiadas com um “convite dourado” para conhecer a incrível fábrica de chocolate. Os convites foram distribuídos pois o dono da fábrica de chocolates pensava estar ficando velho e precisava de um sucessor para dar continuidade a ela. A criança escolhida para ocupar esse cargo era a mais pobre financeiramente, que vivia numa pequena e miserável casa próxima à fábrica e que só podia comer chocolate no dia do seu aniversário devido às condições da família. No entanto, o convite de ser o dono da referida fábrica foi recusado pelo menino, pois não poderia levar sua família para viver lá. Diante dessa recusa, o proprietário fica sensibilizado e a atitude do menino faz com que repense a relação conturbada que tinha com seu próprio pai, que era dentista e não deixava o filho comer doces quando criança, motivo pelo qual ele saiu de casa e fundou a fábrica de chocolate. No final do filme, o dono permite que o menino leve sua família para morar na fábrica e assim ele também ganha uma. Pensa-se aqui que a palavra chocolate no filme representa não só um desejo, um prazer, mas também um ato de resistência do filho ao pai, algo que faz pensar a família, as relações. Ao substituir a palavra chocolate por percussão, compreendemos que alguns sentidos se mantêm e outros se des-

locam. A percussão é o que caracteriza a Cuica, é o som que todos desejam aprender, é a possibilidade que se abre frente a uma vida muitas vezes difícil e sem perspectiva. Como eles mesmos dizem, é a partir da percussão que desenvolvem a responsabilidade, a emoção, a alegria, o prazer. A fábrica de percussão, assim como a fábrica de chocolate, não produz só instrumentos e doces, mas também sujeitos e sentidos, possibilidades outras de ser, de resistir. A palavra fantástica permanece assim como no primeiro filme, sustentando o lugar da imaginação, do sonho e, por que não, da utopia.

O terceiro filme, “O incrível Hulk”, foi readaptado pelo “Grupo 3” para “O incrível lanche do Blade”. Hulk é um personagem dos quadrinhos que, antes de se tornar um ser com poderes especiais, era um cientista comum. Todavia, corajosamente, ele resolve salvar a vida de um adolescente diante de um teste de “bomba gama” e assim acaba recebendo uma dose maciça de raios emitidos pela explosão, os quais modificam o seu DNA, fazendo com que se torne o “Incrível Hulk”. Com isso, toda vez que o cientista fica irritado, ele desperta uma criatura oculta, alimentada pela adrenalina que vive em seus genes, o Hulk, o mais forte de todos os heróis e que deve, por isso, proteger os inocentes. Ao substituir o “Hulk” pelo “Blade”, os jovens identificam, no espaço em que estão, alguém que, para eles, representa um super-herói que tem como poder especial não a força, mas a incrível habilidade de cozinhar, de fazer lanches. Ao mesmo tempo em que a força do Hulk é utilizada para proteger inocentes, a força do Blade é aproveitada por esses jovens que mostram, a partir desse deslocamento de sentidos, que estar na Cuica vai muito além de aprender música, há um sentimento e uma necessidade de afeto, de família, de relações. Por vezes, o que os jovens buscam na Cuica não é um espaço de música, mas um espaço de abrigo, de alimentação, de conforto. O “Blade”, um dos idealizadores da Cuica, serve como referência de proteção e de segurança para esses jovens.

O “Grupo 4” modificou o título do filme “O senhor dos anéis” para “O senhor dos tambores”. A justificativa para essa troca está relacionado aos jovens que mais se destacam na Cuica no que se refere à percussão. Para esses jovens, o domínio e habilidades que R e G (alunos do projeto) têm com os tambores, faz com que sejam chamados de “O senhor dos tambores”. A troca da palavra “anéis” por “tambores” mostra o desejo desses jovens, os modelos de identificação que têm, o que almejam ser ali dentro, suas referências identitárias. A história do “Senhor dos anéis” ocorre num tempo e espaço imaginário, a “Terceira Era da Terra Média”, onde habitam humanos e outras raças. A história narra o conflito contra o mal que se alastra pela Terra Média. O grupo do bem tem que proteger um anel com poderes mágicos do grupo do mal, formando assim a Sociedade do Anel. Dessa forma, percebe-se que os anéis, assim como os tambores, são símbolos de poder e devem ser protegidos no espaço de um grupo, de uma Sociedade ou de uma Associação. Ser senhor dos anéis ou dos tambores, fazer parte da Sociedade dos Anéis ou da Associação Cuica é a possibilidade de ocupar um lugar, de ser reconhecido, de resistir ao sistema, de “lutar contra o mal”, mostrando que é possível ser e fazer diferente.

O último filme, “Velozes e Furiosos”, foi modificado pelo “Grupo 5” para “Percussionistas Furiosos”. Aqui a palavra “velozes” é substituída por “percussionistas”, o que faz pensar que ser percussionista é ter a capacidade de se movimentar rapidamente, movimentar não apenas as mãos, os corpos, mas as posições-sujeito que ocupam, o que realmente parecem fazer. O sentido de “furioso” não parece ser utilizado somente como sinônimo de cheio de raiva ou de indignação, mas também significado como “ser muito bom naquilo que faz”; como eles dizem, “é preciso ser furioso na música”. Na história do filme “Velozes e Furiosos”, existe novamente uma luta entre o bem e o mal, sendo objetivo da polícia terminar com uma gangue de corridas de rua. Os protagonistas da história são os carros e seus poten-

tes motores, que fazem com que os sujeitos que entram nessas “poderosas máquinas” sintam-se onipotentes e invencíveis. Entende-se que, na história “Percussionistas Furiosos”, os tambores servem como “poderosos instrumentos” que possibilitam aos jovens um sentimento de onipotência e também de expressão de fúria frente à sociedade.

Os novos sentidos construídos pelos grupos mostraram a relação daqueles sujeitos com a Cuica, com a música, com seus desejos e sonhos. Foi possível aos jovens fazer com que sentidos naturalizados sobre palavras que já foram escritas pudessem deslizar e produzir outros efeitos de sentido que passassem a representar as suas realidades, o espaço sócio, histórico e cultural no qual estão inseridos. Assim, acredito que a atividade desenvolvida tenha aberto espaço para a construção de um novo arranjo, uma nova “costura”, a partir de fios que já estão tecidos, “mas podem ser reordenados, desarranjados e deslocados, repetindo, replicando e/ou repassando o que foi discursivizado em outra mensagem” (MOREIRA; ROMÃO, 2011, p. 84), tal como os nomes dos filmes que foram (re)significados, possibilitando assim novas histórias e distintos enredos.

Além disso, é importante salientar que a construção de outros sentidos para os filmes só se fez possível porque esses objetos simbólicos, esses materiais já significam, circulam como lugares de memória, a partir dos quais alguma atualização do interdiscurso se faz possível. Esse processo de significação sempre se encontra marcado por um exterior que determina o que pode e deve ser dito, pelo trabalho ideológico que movimenta sentidos “evidentes” e pelo inconsciente que constitui e singulariza o sujeito. “Assim, o sujeito se constrói interpretando sua vivência no mundo” (RODRIGUES, 2011, p. 239), significando aspectos do seu ser na opacidade dos diferentes objetos simbólicos que se representam.

Há, nos novos sentidos criados a partir dos filmes, um discurso de valorização do lugar onde se está e das pessoas que

compõem esse lugar, o que possibilita a inauguração de novas práticas e relações com o espaço Cuica e com os objetos simbólicos que o circundam. Os novos títulos de filmes criados por esses sujeitos dizem de seus modos de existência e das relações sociais que aí se praticam, rompendo com a lógica do modo como o Estado os individualiza e que resulta em seus processos de identificação: na falta de acesso às instituições, ao ensino, à formação (ORLANDI, 2012). Não se pode pensar a linguagem e a escritura separadas de suas condições de produção. Se a Cuica está dentro de uma cidade, “que é um espaço social dividido, um espaço em que o público está rarefeito, a sociabilidade constrangida, isto também estará presente nas manifestações da linguagem que este espaço suporta” (ORLANDI, 2012, p. 209). Ao deslocar os sentidos da ordem do comum, propondo novos títulos aos filmes e assim outras histórias, esses jovens criam uma forma de dizerem o que são, o que pensam, o que desejam, apesar de tudo, apesar do Estado. Através dos “tambores”, do “movimento” que a percussão exige, esses sujeitos encontram um lugar para inscreverem-se simbolicamente, para construírem vínculos sociais, para ter o sentimento de pertencimento à sociedade. Diante disso, afirmo que fazer parte da Cuica representa um modo de subjetivação em que a música e o que ela possibilita pode individu(aliz)ar essa forma sujeito capitalista de modo particular e rico, ocorrendo a manifestação de um processo identitário. Conforme Orlandi (2012, p. 212):

Há uma geografia da violência, há uma lógica da violência, há uma economia da violência, própria ao sistema capitalista e que está presente no modo como o espaço urbano se organiza, é gerido pelo Estado. Para fazer face a isso, temos de aprender novas formas de sociabilidade, novos modos de nos pensar coletivamente, não reagindo pelo medo, reivindicando condições de sociabilidade praticáveis, mobilizando instituições.

Penso que, assim como a música, a escritura se consti-

tui enquanto espaço possível de novas formas de (se) pensar. O seu processo pode/deve ser entendido, então, enquanto um brincar com palavras, um jogo de sentidos que movimenta o sujeito em outras direções e posições, o que torna possível ser o mesmo sendo outro a partir da grafia, do espaço à imaginação que ela oportuniza. Na brincadeira proposta aos jovens, eles viveram a possibilidade de se imaginarem como protagonistas de um filme famoso, mobilizando sentidos da sua realidade e (re)criando outros.

É a partir desse funcionamento descrito que entendo as produções feitas por esses jovens enquanto um movimento de resistência. De acordo com Pêcheux (1990, p. 17), as resistências são definidas como:

[...] não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como se fosse uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras.

É na linguagem que o sujeito mobiliza os recursos para lidar com o poder. A partir da proposta feita para esses jovens, do brincar com as palavras, da produção escrita, da possibilidade de criar sentidos outros, movimentamos/provocamos um espaço de resistência contra o discurso homogeneizante. Lazzari-Rodrigues (1998, p. 16), em suas reflexões, discorre que a noção de resistência traz à tona a “luta do sujeito por um lugar de poder/dizer”. Diante disso, busco/busquei destacar a escritura enquanto lugar possível de constituição subjetiva, onde o sujeito estabelece um outro campo de significação, desestabilizando sentidos já-dados e (se) movimentando(-os) de outras formas,

em outras posições, em um processo de (re)existência.

A partir do Projeto Cuicando Palavras, da possibilidade de (re)significar pela escrita, pensamos que conseguimos alimentar a capacidade desses jovens de habitar os fragmentos dos sentidos, das palavras, fazendo-os transitar “daquilo que se espera” para “aquilo que se pode”. Encontrar ou criar um sentido é também criar um lugar para o sujeito, um “poder estar”.

E o que fica dessa história?

Cada sujeito que adentra um outro/novo espaço traz consigo marcas de trajetos até então percorridos, de vivências, de histórias que passam a compor/movimentar seus olhares, suas relações, suas produções. Os sujeitos que aceitaram compartilhar do “Cuicando Palavras” traziam no nome a marca Cuica. A materialidade significante na Cuica é constituída de linguagens não restritas às formas de expressão verbal (oralidade e escrita). Os jovens da/na Cuica fazem som com as mãos, “batucam” e expressam suas emoções por meio de movimentos corporais, na relação com os diversos instrumentos musicais. Aproveiteime dessa “agitação” – de mãos, corpos, sons, palavras, sentidos, imagens, posições – característica desses jovens, para provocar o movimento necessário à construção desse novo espaço compartilhado que já começávamos a compreender, esboçar. Viverciar a Cuica em seu dia a dia foi uma experiência de grande aprendizado, permeada pelo temor do diferente, pela exigência ética, pela afetividade construída, pela compreensão de que não há como separar o sujeito de sua obra, pois um recobre o outro, pelo menos parcialmente. Quando a percussão da Cuica se faz ouvir, a subjetividade (de cada um deles e da gente) transborda, toma-nos de assalto, invade-nos.

Gostaria de finalizar aqui, com uma imagem que retrata uma produção feita pelos sujeitos-cuica e que muito diz das marcas que o Cuicando Palavras deixou em mim e na história

do PET:

Fotografia 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

BIAZUS, C. **Dicionário Compartilhado**: espaço de criação, resistência e subjetividade. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria – RS, 2015.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. A discussão do Sujeito no Movimento do Discurso. 1998, Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 1998.

MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. **Revista RUA**, v. 2, n. 17, p. 77-96, 2011.

ORLANDI, E. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões e deslocamentos. In: ORLANDI, E.; GERALDI, J. W. (Org.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19, 2003.

ticos. Campinas/IEL – UNICAMP, 1990, p. 7-24.

RODRIGUES, E. A. Efeitos de sentido em curtas-metragens: diferenças e intersecções entre interdiscurso e memória. In: INDURSKY, F; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. S. (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 227-240.

ROZZINI, J. E. S. **Educação Musical na Cuica:** percussões e reper-
cussões de um projeto social. 2012. Dissertação (Mestrado em Edu-
cação) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria
- RS, 2012.

O PET LETRAS NA MINHA HISTÓRIA

Natieli Luiza Branco¹

Palavras iniciais

Em meu percurso pessoal e acadêmico não posso deixar de mencionar a oportunidade de fazer parte do grupo PET Letras do Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pois tal experiência foi muito importante para minha formação. Em vista disso, comproto, neste texto, um pouco da minha história no PET.

Fiz parte do primeiro grupo do PET Letras e, de certo modo, não sabia direito o que isso significava – e acredito que nem meus colegas do grupo sabiam –, mas havia muito entusiasmo. Desse modo, fui descobrindo aos poucos o que era o Programa de Educação Tutorial e como fazer ensino, pesquisa e extensão na universidade. Somado a isso, o trabalho em grupo foi muito gratificante, pois formamos um grupo de colegas e de amigos que programou todas as atividades em conjunto, apresentou trabalhos, participou dos InterPET aos sábados, viajou, festejou e, de uma forma ou de outra, continua junto, pois cada um faz parte da história do outro.

Cabe dizer que quando descobri que abria as inscrições para o Programa de Educação Tutorial - PET, já freqüentava o Laboratório Corpus e fazia parte, de forma voluntária, do Programa Conexões de Saberes do Ministério da Educação, nos subprojetos “Conexões de Saberes: língua, sujeito e história na construção da cidadania” – grupo de trabalho “Interpretando saberes” – e “Língua, sujeito e história na construção da cidadania” – grupo de trabalho “História das Ideias Linguísti-

¹ Egressa do grupo PET Letras, aluna do Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Santa Maria.

cas” –, durante todo o ano de 2010. Esse Programa tinha como base a perspectiva teórica discursivista para promover relações entre universidade e escola quanto à produção de sentidos na e sobre a língua. Após o Programa Conexões de Saberes, o Ministério da Educação abriu edital para o Programa PET Conexões de Saberes que marcou o início do PET Letras na UFSM. Como eu estava envolvida nessas atividades, fiz minha inscrição para participar da seleção para essa nova proposta que se iniciava nas Letras: o PET.

Também cabe mencionar que a minha história no PET se mistura com a minha história na iniciação na pesquisa, pois, a partir da participação no PET, pude participar de vários projetos, apresentar trabalhos e praticar pesquisa, ensino e extensão; e a tutora do PET, professora Verli Petri, além de minha orientadora no PET, foi minha orientadora na iniciação científica, no mestrado e, agora, no doutorado.

A partir dessas palavras iniciais, pelas quais apresento o contexto imediato e amplo (ORLANDI, 2009) no qual me inseri e me insiro no programa, apresento, a seguir, alguns projetos e eventos que participei nos meus dezoito meses como petiana – de janeiro de 2011 a julho de 2012.

Primeiros projetos no e do PET Letras

Com o grupo constituído, a primeira atividade realizada foi o I Seminário PET. Tal atividade promoveu uma reunião geral com o grupo para discutir as metas, as atividades e o cronograma semestral do PET, bem como para participar de defesas de dissertações e para debater sobre o livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, de Eni Orlandi (2009), e, com isso, compreender como o campo de saber da Análise de Discurso promove a reflexão sobre a língua(gem).

Convém ressaltar que a perspectiva discursivista perpassou as discussões e atividades do PET, no entanto, isso não

resultou na exclusividade do estudo da Análise de Discurso, pois outros petianos se inscreveram em outras teorias linguísticas que não só a discursiva e, com isso, pudemos promover articulações entre os campos de saberes sobre a língua para a produção do conhecimento linguístico.

Eu, particularmente, identifiquei-me com a Análise de Discurso e decidi seguir estudando e participando de projetos que envolvem esse campo de saber articulado com o da História das Ideias Linguísticas, tendo como objetos de pesquisa dicionários regionalistas, hispano-americanos e uruguaios. A partir dos dicionários, estudei questões sobre gramatização (AUROUX, 2009), dicionarização (NUNES, 2006), colonização e descolonização linguística (MARIANI, 2004; ORLANDI, 2008); e interessa(va)-me o funcionamento da língua em dicionários de países que sofreram o processo de colonização. Assim, paralelamente com as atividades do PET, envolvi-me em atividades de iniciação científica as quais me ajudaram a elaborar pesquisa e a me inserir na produção do conhecimento científico. Os projetos nos quais estava envolvida durante o período de 2010 a 2012 foram: “Sujeito, língua e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa do/no Brasil” e “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos”.

Quanto aos projetos do PET, um dos primeiros é o Ciclo de Palestras PET que iniciou em 2011 e continua até hoje. Esse projeto prepara, organiza e realiza palestras para alunos da UFSM, tendo os professores do curso de Letras como palestrantes convidados. A cada mês, é convidado um professor para exemplar alguma obra da área da Linguística, algum teórico ou o seu trabalho de pesquisa e, com isso, promover a troca de leituras e interpretações sobre o tema, a obra, a língua. No ano de 2011, o projeto do Ciclo de Palestras foi apresentado na 26^a Jornada

Acadêmica Integrada da UFSM2.

Outro projeto que se perpetuou é o PET Cinefórum. Também iniciado em 2011 e pensado para expor filmes com diversas temáticas e promover discussões sobre esses filmes. Os primeiros encontros foram realizados na universidade com participação de alunos da instituição. Com o desenvolvimento do projeto, os filmes passaram a ser levados para escolas e para a comunidade externa.

Cito outros eventos realizados nos anos de 2011 e 2012: Curso de extensão – Repertórios de leitura: o gênero policial, no ano de 2011; Minicurso de Língua Portuguesa para outros integrantes dos PET da UFSM, no ano de 2012; Oficina Discursos e gêneros em comunidades de práticas acadêmicas, no ano de 2012.

Também cabe mencionar a importante parceria entre o PET e o CUICA (Cultura, Inclusão, Cidadania e Arte) – uma associação do bairro Camobi, em Santa Maria, que tem por objetivo promover a inclusão social de crianças e jovens da rede pública de ensino por meio de oficinas. Com essa parceria, houve a realização de oficinas voltadas à importância da leitura, interpretação e produção do discurso para estudantes do 4º ao 6º ano, visando à formação cidadã. O resultado dessas oficinas foi apresentado no XV Encontro dos Grupos PET da Região Sul3, em 2012.

Palavras finais

Participar de um Programa de Educação Tutorial é promover a constituição, a formulação e a circulação do discurso científico (ORLANDI, 2012). E foi assim que me senti nesses

² Os anais do evento estão disponíveis em: <<https://portal.ufsm.br/jai/trabalho/trabalho.html?action=anais>> Acesso em: 04 ago. 2017.

³ Os anais do evento estão disponíveis em: <<http://www.dinuembr/~pet/sulpet/anexos/Anais%20SulPET%202012.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

dezoito meses participando do PET: promovendo a produção de conhecimento, sendo sujeito produtor de conhecimento e fazendo circular o conhecimento para produzir (novos) sentidos. Portanto, participar do PET Letras foi mobilizar sentidos a cada reunião, a cada encontro, a cada evento, a cada atividade realizada. Participar do PET Letras foi constituir-me enquanto sujeito pesquisadora e extensionista. Participar do PET Letras foi promover a (minha) prática social.

Referências

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- MARIANI, B. **Colonização linguística:** línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas: Pontes Editores, 2004.
- NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil:** análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Paperp, 2006.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista:** discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.
- _____. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.
- _____. **Discurso em Análise:** Sujeito, Sentido e Ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

UMA TRAJETÓRIA POSSÍVEL: O PET LETRAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DO LICENCIADO EM LETRAS

Thaís Costa da Silva¹

Sobre a minha experiência em ter feito parte do Grupo PET Letras da Universidade Federal de Santa Maria: é algo que me toca, me emociona, pois, com toda a certeza, eu me tornei uma pessoa melhor, tanto profissional como pessoalmente.

Falar da minha formação acadêmica sem falar do Pet Letras é impossível. Estou no último ano da graduação em Letras Português Licenciatura e sei que tenho muito pela frente ainda, mas, a partir dos aprendizados com o Pet Letras, hoje, eu tenho certeza de que estou no lugar certo. As experiências obtidas nos projetos de ensino, pesquisa e extensão possibilitaram que eu me encontrasse de fato na profissão.

Tudo começou quando eu soube que estavam abertas as inscrições para participar do Pet Letras e resolvi então me inscrever para a seleção. Fui selecionada como não-bolsista, mas isso não me fez perder o interesse em fazer parte do programa, pelo contrário: tive ainda mais vontade de participar, aprender sobre o grupo e sobre os projetos desenvolvidos. Depois de alguns meses, me tornei bolsista. A partir das reuniões e dos trabalhos desenvolvidos, aprendi a importância do trabalho em grupo, já que, no PET, somos todos um só. O trabalho em equipe é de extrema importância, pois não há como trabalhar sozinho. Sempre me voluntariei para as atividades e isso fez com que eu aprendesse e crescesse muito.

Fazer parte do PET significa realizar atividades de En-

¹ Ex-petiana do grupo PET Letras, aluna do Curso de Letras Português e Literaturas Licenciatura - bolsista de Iniciação Científica (IC) da Universidade Federal de Santa Maria.

sino, Pesquisa e Extensão. Esse tripé está sempre ligado um ao outro, pois não há como desenvolver uma atividade de extensão ou ensino sem antes fazer uma pesquisa.

No que toca a minha vida pessoal, destaco que a minha primeira viagem de avião foi para participar do primeiro evento como representante do PET Letras, o GEL 2015 - Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - UNICAMP – além dessa experiência de participar de um grandioso evento, tive a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos, apresentar um de nossos projetos de extensão para o grupo de ouvintes, o qual gerou discussões e ainda surgiram algumas ideias de aprimoramento do projeto. Também tive a oportunidade de conhecer o importantíssimo e renomado Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp, com a professora Cristiane Dias: uma experiência incrível.

Fotografia 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Fotografia 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Não há possibilidade de descrição de cada momento

vivido, cada experiência adquirida, cada conhecimento agregado, cada aprendizado somado. Foram inúmeros eventos organizados, participações em eventos, planejamentos de atividades, relatórios de atividades e todos exaltando a importância de ser trabalhado em grupo.

Os projetos de ensino, pesquisa e extensão os quais participei foram: Oficinas do Pet Letras, Cine Escola, Cinema e Literatura na Escola, Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira, Pintando o 7 com a Turma do Ique, Cine Arte, Inter-Pets, Descubra, entre outros. Tive a oportunidade de contribuir na organização de alguns eventos, bem como participar como ouvinte e apresentadora de trabalhos.

Destaco aqui a importância do Seminário Interno de Pesquisa do Pet, que é realizado uma vez ao ano, normalmente antes do início do segundo semestre, com o objetivo de promover leituras, palestras, apresentação de trabalho de pesquisa e ainda refletir sobre o que é fazer pesquisa em Letras. O petiano tem a possibilidade de relatar sua pesquisa em desenvolvimento para os colegas.

A partir da minha experiência e aprendizado com os projetos do Pet, surgiu o interesse em criar e realizar o projeto de estágio sobre produzir sentidos pela língua e criar um minidicionário local. Esse projeto foi desenvolvido a partir do trabalho da professora Verli Petri, sobre a importância dos instrumentos linguísticos, mais especificamente sobre o uso e a desconstrução do dicionário em sala de aula. Após o trabalho desenvolvido, surgiu então o convite para uma participação especial em uma Oficina do Pet Letras intitulada “A importância dos instrumentos linguísticos: a construção e a desconstrução dos dicionários”, onde eu pude relatar os resultados do meu trabalho. Falar para os colegas de curso, em uma importante Oficina que me trouxe ainda mais aprendizado, fiquei muito feliz pelo convite e pude contribuir sobre a minha experiência de construir um dicionário em sala de aula durante a prática de estágio.

Fotografia 3



Fonte: Arquivo pessoal.

A minha trajetória no PET se entrelaça com o meu interesse na iniciação científica, pois, a partir da participação no PET, tive a oportunidade de aprender mais sobre ser pesquisador e ter a honra de ser orientanda da ex-tutora do PET, professora Verli Petri, que é minha orientadora na iniciação científica, já que optei por sair do PET para trabalhar com iniciação científica somente sendo bolsista CNPQ (PIBIC).

Esses relatos mostram um pouco de todas as experiências adquiridas, que são inúmeras. Sei que me tornei uma pessoa melhor com tudo que aprendi enquanto petiana. Saí do Pet, mas ele não saiu de mim e nunca sairá, pois foi a parte mais linda de minha graduação. Foi nessa etapa que eu conheci pessoas incríveis que me ensinaram muito sobre como levar a vida, como aprender com as diferenças, como devemos agir durante os problemas e o quanto importante é trabalharmos juntos enquanto grupo. Além de todos os momentos de muito trabalho, muito conhecimento adquirido, fizemos festas para comemorar e encerrar o

ano letivo de muitas conquistas e aprendizados. Criamos laços de amizades que serão levados para a vida toda.

Fotografia 4



Fonte: Arquivo pessoal.

Sinto muito orgulho por ter feito parte desse grupo que faz a diferença na vida das pessoas e na vida dos participantes também. Sou eternamente grata à Professora Verli Petri pelos inúmeros ensinamentos, pela sua dedicação, pelas palavras de conforto nos momentos necessários, pelos puxões de orelha, por ser um exemplo de profissional e ser humano e também por ser uma “mãezona” para todos nós.

DO CONEXÕES DE SABERES PARA O PET LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Louise Cervo Spencer ¹

Falar da minha experiência no PET Letras é falar de um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, de ação e de constante reflexão.

Tudo começou quando, ainda em 2010, ingressei no Projeto de extensão Conexões de Saberes, coordenado na época pela Pró-Reitoria de Extensão, oferecido a diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Projeto esse que trazia como principal objetivo aproximar e permitir a interação entre as comunidades escolares e populares e a UFSM, possibilitando uma melhoria no acesso ao conhecimento, às manifestações culturais, ao desenvolvimento econômico e social pelas partes envolvidas.

Finalizado esse projeto, surgiu a possibilidade de ingressar em outro que estava em via de implementação: o PET Letras. No final de 2010, em parceria com o Laboratório Corpus, criou-se o Grupo PET Letras, fazendo parte de um Programa há muito tempo já consolidado em nossa Universidade, de grupos com quase 20 anos de educação tutorial. Assim, me vi em meio a novos desafios e grandes responsabilidades que muito exigiam de uma graduanda em Letras e professora em formação.

Esses desafios nos permitiram crescer tanto pessoal quanto profissionalmente, já que nosso trabalho era permeado por ações de ensino, de pesquisa e de extensão. Ainda assim, encaramos e não desistimos, pois a vontade que nos movia era de novas descobertas e de boas possibilidades que estavam por vir.

¹ Doutoranda em Letras e ex-petiana.

Fotografia 1: Primeira reunião PET Letras UFSM



Fonte: Arquivo pessoal.

O PET, além de desafios e de muito trabalho, me trouxe grandes amizades que carrego até hoje. As relações que estabelecemos, trabalhando conjuntamente, nos fez aprender, mesmo que “na marra”, a nos unirmos enquanto equipe, para que os projetos saíssem da melhor forma possível.

Foram inúmeras reuniões, muitos sonhos, algumas viagens, vários eventos e muita parceria. Aprendemos a planejar em conjunto, realizar nossos objetivos e vibrarmos com nossas conquistas. Isso, para mim, é indescritível! Hoje, reconheço a necessidade de estabelecermos esse tipo de relação ainda na graduação, pois o mercado de trabalho exige, cada vez mais, que saibamos pensar e realizar atividades em grupo. Isso, em espe-

cial, na área da educação, em que o conhecimento está em um processo de inter-relação entre as áreas, entendendo que ele é único e indivisível. Portanto, saber dialogar com o outro e agir em parceria só nos faz crescer pessoal e profissionalmente.

Tendo em vista os projetos que realizei junto ao grupo, destaco um que serviu de projeto piloto a nossas ações e que se encontra até hoje em realização, com o grupo de bolsistas e colaboradores que atuam no PET Letras. Este projeto é o Ciclo de Palestras (hoje repaginado e renomeado como Oficinas do PET Letras), que surgiu da necessidade que tínhamos, enquanto estudantes de Letras, de ouvirmos profissionais de nossa área falando sobre seus objetos de pesquisa e sobre as diversas possibilidades de atuação do(a) graduado(a) em Letras, possibilitando tal escuta, também, aos nossos colegas de curso.

Participei das edições de 2011, 2012 e 2013, tanto como comissão organizadora quanto como ouvinte. Pensar a organização e a execução desse evento permitiu estar em contato com diversos pesquisadores, os quais desenvolvem seus trabalhos tanto local quanto nacionalmente.

Além da possibilidade de organizar esses eventos, destaco outros nos quais atuamos como colaboradores e que permitiram estar frente a frente com grandes figuras de nossa área, como o Prof. Dr. Isidoro Blikstein (conforme foto a seguir), grande pesquisador e linguista de nosso país. Estar junto do tradutor de livros célebres da nossa Linguística como o Curso de Linguística Geral (nossa famoso laranjinha, que me encantou desde o princípio no Curso de Letras), com anotações dos alunos de Ferdinand de Saussure, e Linguística e Comunicação, de

Roman Jakobson.

Fotografia 2: Comemoração dos 50 anos do Centro de Artes e Letras
com o Professor Isidoro Blikstein



Fonte: Arquivo pessoal.

Estas experiências me permitiram pensar mais longe quanto ao meu percurso profissional. A partir das atividades de ensino e de pesquisa que desenvolvíamos, surgiu a necessidade de planejar meu percurso após a finalização da minha graduação. Procurei, através das atividades petianas, participar de eventos locais, nacionais e até internacionais, nos quais eu pudesse levar minha pesquisa para ser apreciada por diferentes estudiosos da área de Letras, de modo que eles auxiliassem no enriquecimento daquilo que eu tinha enquanto objeto de estudo.

Muitos foram os eventos e, a partir disso, surgiu o meu interesse em buscar uma pós-graduação. Hoje estou no doutorado em Letras na UFSM, tendo realizado o meu mestrado também

em nossa Universidade. Ainda, atuo como professora substituta de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Técnico Industrial da UFSM desde o início de 2016, anteriormente tendo trabalhado na rede estadual de ensino. Todo este meu percurso surgiu em 2011, quando iniciei minha pesquisa junto ao PET Letras.

Nem só de crescimento profissional se resume minha passagem pelo PET. Em nossas reuniões, sentíamos, também, a necessidade de estabelecermos uma parceria com a comunidade, assim como o próprio programa já exigia, realizando atividades de extensão. Nossa ideia inicial foi propiciar a alunos e alunas de escolas da rede pública de ensino momentos de reflexão e de diversão, através de atividades que os envolvessem de maneira ativa na construção de conhecimento.

Uma dessas atividades foi a oficina O que faz você feliz?, que realizamos junto à comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio do Canto, localizada no bairro Camobi, próximo à UFSM. Outra atividade foi o Projeto Cine Cuica, o qual foi desenvolvido junto à Associação CUI-CA². Nesse projeto, pensamos em propiciar à comunidade (alunos(as), pais e responsáveis e acadêmicos) momentos de lazer aliados a debates e discussões que permitissem aproximar a formação cidadã da magia cinematográfica.

² Associação Cuica - Cultura, inclusão, cidadania e artes. Grupo de percusão de Santa Maria que atendia à comunidade escolar e popular do Bairro Camobi, levando a inserção social e o desenvolvimento cidadão através da música.

Fotografia 3: Atividades na Associação CUICA



Fonte: Arquivo pessoal.

Relembrar essas atividades me fez compreender o quanto elas auxiliaram não só a construção de conhecimento dos alunos e das alunas que participaram, mas também o quanto influenciaram na minha formação enquanto cidadã. Pensar o ensino de forma globalizada, priorizando a inclusão, independente de raça, credo e gênero é pensar na transformação através da educação e permitir que todos tenham acesso ao conhecimento de forma ampla e de qualidade.

A experiência de acompanhar uma realidade que está distante de nós enquanto convivência, mas tão perto em distância geográfica, clamando por ajuda, nos faz pensar no real sentido da profissão docente. Onde seremos úteis? Onde precisam muito mais de nós? Retribuir à sociedade o ensino público e de qualidade que nos foi oferecido, bem como as possibilidades

que tivemos ao estarmos inseridos em um projeto que permite interagir com essa sociedade, nos faz querer sempre fazer o melhor onde estamos.

Por tudo o que o PET Letras me proporcionou e por tudo o que ele ainda me proporciona e que reverbera em mim até hoje, estas páginas são muito pouco de tudo o que eu poderia expor enquanto experiência de vida com nossas atividades. Só tenho a agradecer à Professora Verli Petri, que insistiu e não desistiu de nós, e reiterar que os projetos desenvolvidos, os sonhos realizados e as alegrias vividas me auxiliaram (e muito!) na construção pessoal e profissional que sempre desejei. Ainda não estou pronta, mesmo sabendo que nunca estarei, mas compreendendo que nosso processo é contínuo e que o PET foi fundamental para dar este pontapé inicial.

Orgulho-me muito em ter participado deste grupo ativo, que não permite acomodação, que busca incansavelmente realizar o que se compromete, sempre pensando na tríade ensino, pesquisa e extensão à qual se propõe a nossa UFSM.

Por isso, encerro aqui o meu relato, desejando vida longa ao PET Letras UFSM, para que muitos alunos e muitas alunas, graduandos e graduandas em Letras, tenham a mesma chance que eu tive de agir e refletir sobre minhas ações, sempre buscando crescimento.

PET LETRAS: UM OLHAR DO ACADÊMICO DO BACHARELADO EM LETRAS

Fidah M. Harb¹

A ideia de fazer parte do grupo PET Letras da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM surgiu logo no início da graduação, precisamente no primeiro semestre do ano de 2015, quando o grupo, juntamente com a sua tutora, Prof. Dra. Verli Petri, realizava suas visitas aos calouros com o intuito de apresentar o programa PET do Curso de Letras, os trabalhos desenvolvidos, bem como os momentos de reunião e a forma de ingresso. Percebo, transcrevendo este relato, o quanto tudo ainda é muito recente, pois, lembro-me muito claramente daquela ocasião.

Desde meu primeiro encontro com o grupo no Laboratório Corpus (UFSM), me senti muito bem acolhida no grupo PET, tanto pela professora quanto pelos petianos. Posso dizer com toda certeza que participar do grupo PET Letras UFSM me proporcionou aprendizados e experiências que talvez o curso de Letras, somente, não me proporcionaria. Além, é claro, de muita amizade, confiança e amores envolvidos e conquistados que levarei para vida e além...

Após esse breve resumo de minha aproximação do grupo, que conta muito brevemente como se deu o primeiro conhecimento e contato com o PET Letras, passo à minha apresentação: estou, neste momento, graduanda do 6º semestre do curso de Letras Português – Bacharelado (UFSM), participo do projeto de pesquisa da Professora Verli Petri (nomeado “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo

¹ Acadêmica do 6º semestre do Curso de Letras Bacharelado (UFSM).
E-mail: fidah.mohamad@gmail.com

de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos”), o qual está em sua terceira fase, do qual tive oportunidade de conhecer e de participar principalmente a partir de minha aproximação com o grupo PET Letras.

Ingressar no PET Letras foi uma decisão que me trouxe muitos desafios e, junto a eles, muitos aprendizados que me construíram, principalmente, como pessoa e como profissional. O trabalho que realizamos coletivamente dentro e fora do grupo (como os projetos de extensão, por exemplo) requer do petiano (participante do grupo PET) responsabilidade, dedicação, esforço, flexibilidade e, principalmente, sensibilidade e empatia com o grupo, com o outro e com as situações podem aparecer. Assim, recupero uma fotografia que demonstra um desses momentos compartilhados, registrada durante o desenvolvimento do projeto de extensão denominado Leituras Dirigidas e Cinema na Escola. Aliás, esse é um dos projetos que me sensibiliza muito.

Fotografia 1: Algumas das alunas participantes do projeto Leituras Dirigidas e Cinema na Escola (2016)



Fonte: Arquivo pessoal.

Minhas experiências com esse projeto começaram quando eu ainda era voluntária do grupo PET, em 2015. Sua

proposição era a de incentivar alunos dos 5º e 6º anos do ensino fundamental para a leitura e a interpretação textual de outros gêneros textuais, como, por exemplo, os microcontos. Os alunos realizaram, em encontros quinzenais, a produção desse gênero textual e, ao final, elaboraram uma linda exposição dessas produções na escola. Esses encontros realizaram-se na escola Municipal Pão dos Pobres, com alunos de 12 a 14 anos.

Tal atividade, além de seu propósito – o qual me cativava muito –, proporcionou-me trabalhar com pessoas muito especiais e motivadas tanto com o projeto em si quanto com absolutamente todas as outras atividades com as quais se responsabilizavam, especialmente aquelas atividades que possuíam o objetivo de simplesmente dar um gesto de carinho ou fazer uma criança sorrir. São as ex-petianas Adriane Gulart e Jordana Rodrigues, às quais deixo aqui a minha homenagem: duas figuras que, com toda a certeza, fizeram as minhas manhãs de projeto serem mais divertidas, enriquecedoras e inesquecíveis. Ainda hoje, alunos daquele momento me contatam, lembrando os dias do projeto, as brincadeiras e os momentos de integração que realizávamos com elas.

Além do projeto *Leituras* (como era carinhosamente chamado no grupo), outro também muito especial é o *Cine Arte* – realizado atualmente em conjunto com o projeto *Orchestrarium*, tendo como proposta levar a comunidades carentes de Santa Maria um momento de conhecer e experenciar o cinema. Naqueles momentos convidávamos toda a comunidade – tanto alunos quanto pais e professores – a assistir filmes que retratavam situações e temas comuns na sociedade brasileira e no mundo afora. Esses assuntos eram levantados e debatidos pelos presentes, principalmente os pais, que eram nossos espectadores mais fiéis. A foto abaixo demonstra um desses momentos de concentração, em que as pessoas assistiam aos vídeos que eram pensados e organizados previamente pelos petianos.

Fotografia 2: Projeto CineArte/Orchestrarium.



Fonte: Arquivo pessoal da ex-petiana Laura Velasques.

Pois bem, como citei no início deste relato, além dos projetos, das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, participar do grupo PET Letras me proporcionou desafios, experiências, viagens e, especialmente, conhecer pessoas que infelizmente se foram e se tornaram muito importantes para mim, para o meu crescimento e amadurecimento pessoal. Assim, agradeço, especialmente, à professora Verli Petri pelos ensinamentos, (quase que) incansáveis, pelas conversas amigas e principalmente por sempre apostar e em nenhum momento desistir de nós; às minhas-aos meus colegas petianos e agora amigos de coração e dos corredores do prédio; e, à professora Taís Martins, atual tutora que abraçou o grupo com muito entusiasmo e motivação, já nos desafiando a divulgar nosso trabalho dentro do curso de Letras.

Fotografia 3



Fonte: Arquivo pessoal.

Concluo meu relato com essa linda e feliz fotografia que registra um momento no qual, à época, iniciávamos uma nova jornada de trabalho: quando conquistamos nosso espaço no Campus de Silveira Martins – até então, nossos encontros e seminários ocorriam no Laboratório Corpus (UFSM).

PET_{Letras}

Laboratório Corpus - Ufsm

Ana Paula Alves Correa
Andressa Brenner
Andresseli Paz Reis
Annie Meireles Resch
Betiane Streck
Camilla Baldicera Biazus
Cássius Selvero Pazinato
Evelise Pereira da Silva
Fidah Mohamad Harb
Gabriela Gonçalves
Guilherme Bizzi Guerra
Jennifer Souza Alvares
Laura Velasques Gomes
Letícia Dias da Silva
Liliane Monteiro
Louise Cervo Spencer
Natieli Luiza Branco
Thaís Costa da Silva
Thaynara Luiza de Vargas

